

Em fidelidade às origens (Continuação)

Retiro para os membros da Assembléia Geral
Paris, 15 de maio de 2003
Padre Fernando Quintano, c.m.
Diretor Geral

4. Em comunidade

A realidade da vida comunitária na Companhia reflete a tensão que se percebe na cultura atual. Por um lado existe um desejo de fraternidade, de relações interpessoais, fundamentadas na aceitação e no respeito às diferenças. Por outro lado, e ao mesmo tempo, sente-se, fortemente, o individualismo que é um traço da cultura atual. A coexistência desses dois aspectos dificulta a harmonia entre projeto pessoal e missão comum, autoridade-obediência e a liberdade. Lá onde o grau de harmonização é maior, tem-se como resultado uma vida comunitária gratificante de que gozam muitas comunidades da Companhia. Mas há também muitas Irmãs insatisfeitas com a vida comunitária que estão vivendo. Os planos de formação, os projetos provinciais e locais, os compromissos assumidos nas Assembléias Provinciais provam que há uma preocupação diante desta insatisfação e que se tenta superá-la, embora os resultados nem sempre sejam aqueles que desejaríamos.

É preciso falar primeiramente daquilo a que a comunidade é chamada a ser na Companhia. É uma comunidade para a missão. Os Fundadores acharam necessário que as Irmãs vivessem em comunidade para garantir um melhor serviço dos Pobres. A comunidade é chamada a oferecer uma continuidade no serviço, uma revitalização, um equilíbrio, um discernimento, uma missão comum. “*A vida em comunidade fraterna*, diz a Exortação Vita

Consecrata, é, *antes de tudo, um “espaço teologal,”* (V.C. 42) isto é, um lugar onde se vive o mandamento novo do amor mútuo, onde a presença do Senhor se faz sentir entre aqueles a quem Ele chamou e reuniu; um lugar onde, pela ação do Espírito Santo, percebe-se que as diferenças não impedem “ter um só coração e uma só alma”; um lugar onde se perdoa “até setenta vezes sete”; (Mt 18, 22); um sinal visível para a sociedade e o testemunho profético de que pessoas de raças, línguas, culturas, idades, mentalidades e personalidades diferentes podem viver juntas.

A cultura atual é muito sensível à dimensão psicológica e sociológica das pessoas. Isto influi também no momento de nos situar diante da comunidade. Se pedirmos a uma Irmã para descrever sua comunidade, dirá quantas Irmãs a compõem, suas idades, mentalidade predominante, etc. Fará uma descrição de sua comunidade a partir de dados psicológicos e sociológicos, o que deve ser levado em consideração, porque a comunidade é também uma realidade sociológica e psicológica. Mas, a comunidade cristã, portanto, a das Filhas da Caridade é, antes de tudo, uma realidade espiritual. Por isso São Vicente propunha às Irmãs o mistério da Santíssima Trindade como modelo de sua vida comunitária, insistindo sobre o fato de que Deus as havia reunido *“para honrar a vida humana de Jesus com seus discípulos”*. E Ihes dizia também: *“Já seria muito, minhas Filhas, dizer-vos: “Amai-vos como Irmãs”, mas é forçar inteiramente o vosso coração dizer-vos: “Como Irmãs que Jesus Cristo uniu com o laço do Seu amor”* (IX, 22). Portanto, a vida das Filhas da Caridade, em comunidade, está orientada para a missão, mas isso não quer dizer que seja apenas algo instrumental e prático. Não podemos esquecer seu aspecto teologal. Poder-se-ia servir os Pobres, freqüentemente e talvez com mais eficácia e menos dificuldade, fazendo parte de uma equipe de trabalho onde as diversas capacidades de seus membros se complementam. A comunidade é mais do que uma equipe a quem foi confiada uma tarefa a realizar. É um grupo de pessoas chamadas e reunidas por Deus, que partilham a experiência de Fé, o amor fraterno e a missão. Sem esta dimensão teologal, a comunidade se diluiria, porque faltariam as razões fundamentais para viver juntas.

A Companhia é reconhecida na Igreja como uma sociedade de vida apostólica, e um dos traços distintivos destas sociedades é que seus membros vivem em comunidade, para um fim apostólico (Cânon 731§2º). Certamente que o maior ou menor grau de vida comunitária não se mede pelo maior ou menor tempo que passam juntas. Mas, sem estes tempos para o encontro, a partilha da fé, a reflexão apostólica, o perdão e a reconciliação, o amor e a ajuda mútua... não se pode falar de vida comunitária.

Hoje, na vida consagrada, fala-se freqüentemente de “novas formas de vida comunitária”. O próprio Padre Maloney freqüentemente lembra esta idéia. Porém,

tem-se a impressão de que certas experiências de novas formas de vida comunitária limitam-se a encontros esporádicos, mais para eliminar conflitos do que para enfrentá-los, de tal modo que se pode cair na tentação do individualismo ou de colocar os projetos pessoais acima da missão comum.

Creio que a vida comunitária fraterna, na Companhia, exige também uma mística que a revitalize. Podemos utilizar certas dinâmicas de grupos ou um projeto psicológico ocasional para determinados membros, diante de certas situações, pois a comunidade, não podemos esquecer, é também uma realidade sociológica e psicológica. Porém, se não levarmos em consideração a mística e as motivações de fé que sustentam a comunidade, essas técnicas e dinâmicas poderão melhorar as relações interpessoais, a eficiência na tarefa confiada... mas estariam faltando as motivações essenciais para viver em comunidade.

Fundamentadas na mística, essas novas comunidades deverão incorporar também a maneira evangélica de compreender e exercer a autoridade, o diálogo, a co-responsabilidade, a revitalização dos dinamismos comunitários, o respeito à privacidade da pessoa, o equilíbrio de vida. O elemento que deve integrar e animar tudo isto é o projeto comunitário. Creio que por este caminho, a Companhia irá aproximar-se do que deve ser a vida comunitária própria de uma sociedade de vida apostólica.

Quando algumas Irmãs dizem que as exigências da vida comunitária são um obstáculo para a missão, algo não está funcionando bem quer entre as Irmãs que confundem zelo apostólico com ativismo, quer na maneira mais ou menos fechada de compreender e de organizar a vida comunitária por parte dos membros da comunidade. Estou convencido de que, bem compreendida e organizada, a vida em comunidade é um apoio para a missão e o lugar teologal onde se vive o mandamento distintivo dos cristãos: o amor de umas para com as outras, em Cristo, para assim ser sinal profético e terapia evangélica na cultura atual.

Comunidade e missão são dois elementos essenciais e inseparáveis do carisma da Companhia. Longe de entrar em conflito, são chamados a fecundar e revitalizar-se mutuamente. Assim deverão aparecer nas Constituições, em fidelidade ao projeto dos Fundadores sobre a Companhia.

5. O Governo

16 de Maio de 2003

Como vocês puderam constatar lendo a Síntese, os postulados e proposições mais numerosos, vindos das Assembléias Provinciais, são os que tratam do Governo. Na minha opinião, isso indica que o Postulado aprovado na Assembléia de 1997, pedindo uma revisão das Constituições, à luz da inculturação, esta palavra “inculturação” referia-se principalmente aos valores e a uma sensibilidade existente na cultura de hoje, que influem na maneira de compreender e de exercer a função de governo da Companhia a nível geral, provincial e local.

No conjunto desses postulados e proposições, percebe-se a aspiração a formas de governo mais participativas, descentralizadas, democráticas e um deslocamento de funções atribuídas ao Superior Geral, ao Diretor Geral e aos Diretores Provinciais para as Irmãs que exercem o governo geral e provincial.

O tema é muito amplo e difícil de expressar com exatidão. Poderíamos enfocá-lo em função dos princípios gerais de governo e a partir daí, abordar o sentido evangélico da autoridade; a importância do diálogo e do discernimento para tomar decisões; a co-responsabilidade e a subsidiaridade; a autoridade como mediação para conhecer a vontade de Deus; a autoridade como a última responsável pelas decisões, etc. Todos estes aspectos estão relacionados com o governo.

Poderíamos também focar este tema a partir dos ensinamentos e da prática dos Fundadores. Concluiríamos que a doutrina de São Vicente sobre a autoridade era própria de sua época: centralizadora, quase absoluta, embora na prática São Vicente fosse compreensivo, próximo das pessoas, firme diante do objetivo e flexível nos meios.

Como vocês podem observar, há várias maneiras de focar o tema do governo, sobretudo, se quisermos considerar os três níveis onde ele se concretiza: geral, provincial e local.

Vou apresentar-lhes algumas reflexões suscitadas por este grande número de postulados e proposições, referentes ao governo da Companhia. Como não fico no nível teórico, mas desço ao concreto, muitas de vocês poderiam pensar que vou influenciar nas suas decisões. Não é esta a minha intenção. São vocês que revisam suas Constituições. O que lhes vou dizer são opiniões muito pessoais com que podem sintonizar ou, tranqüilamente, nem levar em consideração.

Deve-se reconhecer que, tudo que se refere ao governo da Companhia, desde suas origens, foi qualquer coisa de singular, um caso único entre as Congregações que formam a árvore da vida consagrada. Alguém descreveu essa singularidade – referindo-se ao fato de ter um Superior Geral e uma Superiora Geral- como “dois chapéus colocados numa mesma cabeça”.

Embora existam muitas congregações masculinas e femininas com o mesmo Fundador, a Companhia das Filhas da Caridade é a única congregação feminina que tem um Superior Geral, um Diretor Geral e um Diretor em cada Província. Esta prática existe desde as origens da Companhia, por decisão expressa dos Fundadores, principalmente de Santa Luísa. A razão foi, sem dúvida, preservar a originalidade e a identidade da Companhia. Se as Filhas da Caridade dependessem do Bispo diocesano, correriam o risco de se tornar religiosas e de acabar na clausura, o que teria tornado impossível manter a finalidade da Companhia e poderia obscurecer e desfigurar o espírito próprio que deve caracterizá-la na Igreja.

A Assembléia Geral é o órgão máximo de governo existente na Companhia. Nas Assembléias Gerais, a Companhia se outorga ou modifica sua legislação e seu direito próprio. As competências em matéria de governo concernentes ao Superior Geral, ao Diretor Geral e aos Diretores Provinciais na Companhia das Filhas da Caridade, experimentaram mudanças notáveis através do tempo. Podem continuar mudando quando a Companhia reunida em Assembléia o decidir, bem como podem ser modificadas as atribuições da Superiora Geral, da Visitadora e da Irmã Servente. É a Santa Sé, quem terá a última palavra, porque compete a ela, aprovar ou não, as mudanças propostas pela Assembléia.

Quero fazer três observações a respeito:

a) Que essas possíveis mudanças na forma de governo não estejam motivadas somente por um desejo de igualar-se a outras congregações femininas. Já disse que a Companhia, desde suas origens, tem sido singular na Igreja, no que se refere ao governo. Há razões para que continue sendo? Há razões para mudanças? Trata-se de responder a estas perguntas, bem mais do que buscar assemelhar-se a outras congregações.

b) Introduzam, livremente, as mudanças que julgarem convenientes, mas definam claramente os papéis e as atribuições de cada nível de governo. As imprecisões e a ambigüidade podem causar dificuldades na hora de governar.

c) Sejam conseqüentes na hora de propor mudanças. Isto é, se utilizarem uma expressão, sejam coerentes designando-lhes atribuições. Explico-me melhor com um exemplo: se utilizarem a expressão “Superior Geral” ou “Diretor Provincial”, que as atribuições que vocês lhes destinarem mais adiante não sejam as que corresponderiam a um conselheiro espiritual ou a um capelão.

Estou convencido de que toda mudança que vocês introduzirem nas Constituições não diminuirá a união, a colaboração e a ajuda mútua que sempre caracterizaram a história da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade, em favor dos Pobres. Isto é o que deveríamos enfatizar, além dos aspectos jurídicos relacionados com o governo que serão os que a Companhia decidir.

A realidade de cada Província é marcada por circunstâncias sociais, políticas, religiosas e culturais diferentes. Essa situação diferente é concretizada por diversos aspectos, e se reflete também nos postulados e proposições sobre o governo, de acordo com as diferentes Províncias. Creio que a Assembléia deve estar consciente disso e aceitar essa diversidade, evitando confrontos desnecessários. Isso se conseguirá se em lugar de apresentar “isto” ou “aquilo” seja oferecida a possibilidade de aceitar “isto” e “aquilo”. (Refiro-me, naturalmente, ao que não é essencial ao carisma da Companhia, e que está aberto a várias possibilidades).

— Vocês já têm um exemplo no Documento de trabalho: entre os Postulados contidos na Síntese, há alguns que pedem utilizar a fórmula dos Votos atual ou uma outra onde o voto de serviço dos Pobres apareça em primeiro lugar. O instrumento de trabalho, em vez de optar exclusivamente por uma, oferece a possibilidade de utilizar as duas. Creio que as duas são igualmente válidas e assim se respeita a diversidade de sensibilidades das Irmãs.

- O mesmo ocorre com os postulados referentes à maneira de manter os cargos de governo. Uns postulados pedem eleição direta, outros preferem nomeação. Não seria mais coerente, em vista da inculturação, e para evitar confrontos, aceitar as duas? Isto seria determinado nas Normas Provinciais, junto com alguns aspectos relativos à prática da pobreza, visita à família, modalidades do retiro anual, etc.

Uma norma geral, tanto do direito universal da Igreja como do direito próprio de uma congregação, consiste em abrir as portas em vez de fechá-las. Isso facilita a função de governo. Exemplos: se se atender o que pedem alguns postulados, limita-se a seis anos o tempo para ser Visitadora, Ecônoma ou Diretora do Seminário. Isto fecha a porta, dificulta o governo e pode complicar em determinados casos, as Províncias que não dispõem de outras Irmãs preparadas para esses serviços. Certo que não convém permanecer muito tempo num serviço, mas fixar estritamente os períodos pode complicar a função de governo. As Constituições e Estatutos devem ajudar, não complicar.

6. Atitudes para entrar em Assembléia

17 de maio de 2003

1. A revisão das Constituições e Estatutos é um assunto que afeta não somente a Companhia, mas também toda a Igreja. A Companhia nasceu graças à inspiração do Espírito Santo aos Fundadores. Os diferentes carismas são dons do Espírito Santo para enriquecimento de todo o corpo da Igreja. A vitalidade de cada membro tem repercussão sobre todo o corpo. Revitalizar o carisma da Companhia contribui para a revitalização da Igreja. Entrem, pois, na Assembléia com uma mentalidade eclesial.
2. Entrem na Assembléia em sintonia com toda a Companhia. As Assembléias são um instrumento da ação do Espírito Santo. Ele é quem renova

e recria todas as coisas. Toda a Companhia é responsável pela vitalidade do carisma. Vocês representam todas as Irmãs. Estejam conscientes de que são instrumentos do Espírito para revitalizar toda a Companhia. No momento de acrescentar, modificar ou suprimir não tenham outra intenção senão buscar o maior bem da Companhia e a vitalidade de seu carisma. Que as árvores não as impeçam de contemplar a floresta. Olhem a realidade da Companhia, além da realidade concreta de suas respectivas Províncias. São os valores e contra-valores de uma cultura globalizada que vocês deverão considerar no momento de revisar as Constituições. Os Projetos Provinciais, os Planos de Formação, as prioridades que assumiram nas Assembléias de cada Província, etc, deverão responder aos valores e contra-valores mais particulares.

3. Não entrem na Assembléia com atitudes pré-estabelecidas, como querer mudar tudo ou, pelo contrário, fechar-se a toda mudança. O postulado aprovado na Assembléia Geral de 1997 pediu “revisar” as Constituições, não porque já não sejam válidas, mas porque, diante das mudanças aceleradas da história, apareceram novos valores e sensibilidades que podem ser incorporados, enriquecendo-as. Determinados contra-valores ameaçam aí se infiltrar, o que exige reforçar certos aspectos do carisma da Companhia. Nem imobilismo que paralise, nem esnobismo que conduza à perda da identidade. Estas duas atitudes dificultariam o diálogo e os intercâmbios enriquecedores e necessários para um bom discernimento.

4. Mais do que um código de normas, as Constituições são chamadas a ser um “livro de vida”. Mais do que impositivas, elas devem ser criativas e dinâmicas. A fidelidade à vocação é uma resposta do mais profundo do coração e não o cumprimento de muitas normas. É claro que o carisma da Companhia necessita de um apoio normativo e jurídico, mas este não deve abafar o espírito nem dificultar o cumprimento da finalidade da Companhia. São Vicente dizia que as Regras, longe de ser um obstáculo, devem ser como as asas para os pássaros, não um peso, mas algo que as ajude a voar.

5. Uma revisão autêntica das Constituições só pode ser feita a partir de uma dupla fidelidade: por um lado, aos elementos essenciais do carisma original e, por outro, à atenção devida aos sinais dos tempos, através dos quais Deus continua falando. Revisar as Constituições à luz da inculturação é lê-las com um olhar novo, a partir de um novo contexto cultural. E isto, não para diminuir o ideal e as exigências do carisma, mas para pôr “vinho novo em odres novos”.

6. Um clima favorável ajudará a realizar este trabalho. Este clima é percebido quando vocês permanecem abertas ao Espírito, para que Ele conduza a Companhia pelos caminhos que Ele quer, e não por onde cada uma de vocês deseja. Isto não impede de expor livre e simplesmente sua opinião, respeitando as

das outras, animadas pelo amor sincero da Companhia e da vocação. Esta docilidade ao Espírito e sua colaboração ativa é que possibilitará afirmar no final da Assembléia, como os apóstolos no final do Concílio de Jerusalém: *“De fato, pareceu bem ao Espírito Santo e a todos nós...” (Atos, 15, 28).*

7. E, finalmente, estejam conscientes de que, embora a Assembléia Geral seja legislativa e o órgão supremo de governo na Companhia, toda mudança das Constituições aprovadas pelos dois terços dos votos, deverá ser confirmada pela Santa Sé. Como “Filhas da Igreja”, as Filhas da Caridade aceitarão docilmente o que a Igreja decidir, convencidas de que nossa mãe Igreja é a mais interessada para que a Companhia continue sendo fiel tanto ao projeto original dos Fundadores, como ao que Deus lhe pede neste momento.

8. São Vicente foi testemunha das mudanças que aconteceram na Companhia desde o início. Treze anos depois da fundação, disse às Irmãs. *“Eis qual foi o começo de vossa Companhia. Como não era então o que é hoje, certamente não é ainda o que virá a ser, quando Deus a tiver conduzido aonde deseja”.* (C.1.2§10). Que esta Assembléia seja um instrumento a serviço da ação do Espírito Santo, para que a Companhia e suas Constituições sejam hoje o que Deus quer que sejam.

Padre Fernando Quintano c.m.
Diretor Geral

Foto

Foto

Assembléia Geral

Impressões da Assembléia

Toda assembléia é composta de pessoas; é, pois, o lugar de um conjunto de impressões que dão colorido e calor aos temas estudados. O clima determinante é como a soma de pequenas luzes individuais que se acendendo ao mesmo tempo, iluminam e aquecem.

As palavras não conseguem expressar toda a profundidade dos sentimentos. No entanto, conscientes desta dificuldade, precisamos dizer algo a todas aquelas que não estiveram presentes, para tentar comunicar-lhes o que nós mesmas sentimos.

Chegada e boas-vindas.

Novos rostos ou talvez outros conhecidos das Assembléias precedentes, numa mesma atitude de entusiasmo, abertura, alegria, diante da tarefa que nos fora confiada.

A Eucaristia de abertura recolheu todas as nossas preocupações e interrogações. Cada questionamento colocado pelo Superior Geral repercutiu profundamente em nossas vidas. Com o grande presente da paz, que Cristo deixou para seus discípulos e nos foi ofertado também hoje, “*Deixem a paz inundar seus corações...*”: o interesse criado cresceu e culminou com a última questão: como vocês imaginam a Companhia daqui a dez ou vinte anos?

Deixemos correr nossa imaginação. Por vezes, tendemos ao pessimismo, ao considerar a idade e o número de Irmãs; outras vezes a nos abrir à interrogação na confiança: “*a Companhia é obra de Deus*”. Mas a intervenção do Superior Geral iluminou o futuro com luzes e cores muito animadoras para a Companhia.

“A Companhia será mais asiática, mais africana, mais missionária. Corajosa para buscar os lugares onde se encontram os mais Pobres, situada no meio deles, servindo-os com um estilo de vida muito simples e numa grande vitalidade do carisma, chegando a encarnar a pureza dos inícios. A Companhia caminha para um compromisso de aprofundamento no essencial, o que lhe dá uma vitalidade autêntica. Com ela, podemos comprometer-nos em todas as idades e em todos os lugares onde nos encontrarmos”.

Todas as Irmãs da Companhia devem estar presentes a esta Assembléia, mesmo as que não se encontram aqui. Todas a prepararam durante mais de dois anos. Os textos que nos vão servir de base para o estudo representam a síntese de suas opiniões através das Assembléias Domésticas e Provinciais. Elas nos acompanham por suas orações. É importante pensar em como ajudá-las a assimilar as mudanças e como animá-las no caminho a percorrer para torná-lo vida.

Em seguida, o Superior Geral ofereceu uma apresentação em Power Point, cuidadosamente preparada, muito sugestiva, com magníficas imagens

sobre o comportamento da águia quando percebe a aproximação de uma tempestade. Aos primeiros indícios, antes da chegada da tempestade, a águia sobrevoa um lugar mais alto e utiliza os ventos que trazem a tempestade. Inclina-se para o sol e se beneficia de sua luz e de seu calor acima das nuvens. Passada a tormenta, a águia, dirige-se para a terra em busca de alimento. E como ensina seus filhotes a voar? Repetidas vezes lança-os em pleno ar, para que aprendam a bater suas asas e a voar. Quando vê que um deles cai, acolhe-o sobre suas grandes asas desfraldadas, lançando-o novamente no ar para uma aprendizagem posterior. Este símbolo nos tocou por sua beleza e profundidade, e é aplicável a numerosas situações de nossa vida.

Notre mère Elizondo apresenta a caminhada da Companhia durante estes seis últimos anos.

Com grande exatidão, notre Mère Elizondo apresenta os diversos aspectos da caminhada da Companhia durante estes seis últimos anos: mudanças nas estatísticas e na localização, atitudes exigidas para estas mudanças.

A Companhia continua unida e viva. A abertura pessoal e comunitária à internacionalidade é uma atitude indispensável face ao crescimento internacional que revela a vitalidade e a atualidade do carisma.

Esta orientação foi muito bem recebida e constituiu a base do clima da Assembléia.

Em seguida, Notre Mère partilhou uma de suas principais preocupações: a pastoral vocacional. O que fazemos? O que não fazemos? O que devemos fazer? ... Rezar, rezar e rezar. A Deus tudo é possível. Quanto ao testemunho: só o espírito pode ser transmitido.

Como podemos definir a realidade da Assembléia?

Com os membros de ofício e as Irmãs Delegadas, nossa Assembléia conta com 183 Irmãs. Todos os membros, mesmo os dos países totalitários (Vietnã e Cuba) estão presentes, bem como todos os continentes e todas as raças. Nossos encontros internacionais diversificam-se cada vez mais e vão tomando cor. Deus nos conduz aonde Ele quer, e constrói a Companhia segundo os seus desígnios, da maneira mais adequada para o serviço dos Pobres.

As diferenças não nos devem assustar nem causar admiração, e menos ainda, considerá-las como uma destruição ou uma ameaça para a Companhia. Ao contrário, elas são uma grande riqueza que é preciso descobrir, afastando todo preconceito. Por isso, procuremos criar um clima de confiança, de respeito mútuo e de fácil comunicação.

A Assembléia é um tempo extraordinário em todos os níveis. Durante a Assembléia a autoridade suprema da Companhia depende da opinião dos 183 membros provenientes das diversas culturas, mentalidades e meios. O Espírito deve atravessar estas fronteiras para resgatar o carisma encarnado em cada uma delas. É um momento de oração, de aprofundamento e de responsabilidade especial. O ambiente criado neste sentido é importantíssimo. O respeito às diversidades, a compreensão do que é proposto, o estudo detalhado dos textos, a busca de tudo o que nos une é uma constante que dá força para progredir na unidade matizada pelas diversidades que nos enriquecem. Experimentamos a força de Deus e o olhar benevolente dos Fundadores e de todas as Irmãs que nos precederam e que hoje nos contemplam de sua eternidade feliz.

Momentos significativos

9 de junho. Segunda feira de Pentecostes. Eleição da Superiora Geral.

O retiro da véspera ocorreu num clima de recolhimento e de oração tal como exigia o acontecimento. O Santíssimo Sacramento exposto durante toda a tarde reuniu as Irmãs na Capela das Aparições. Boa preparação diante de Jesus e de Maria.

Liturgia da segunda feira de Pentecostes: tudo preparado para um acontecimento da mais alta importância.

Os símbolos servem para lembrar realidades e sentimentos profundos e diversos, segundo o momento e a atitude de quem os contempla. O que é simples pode impressionar por sua beleza e harmonia.

Diariamente, a Eucaristia é concelebrada por quatro ou cinco padres, mas hoje, só há dois Padres da Congregação da Missão no altar: os Superiores Maiores da Companhia das Filhas da Caridade. Sobre as alvas, sobressaíam as belas estolas vermelhas: neste dia, mais do que nunca, a chama do Espírito pairava sobre eles.

Durante o rito penitencial o Superior Geral asperge as Irmãs com água benta oferecida pelo Padre Diretor. Percorrem todos os espaços da sala. Belo símbolo! Ali deve permanecer somente o que estiver de acordo com Deus.

Leituras, sobretudo muito motivadoras. As Bem-aventuranças de que nos fala o Evangelho permitem ao Padre Maloney lembrar-nos que o Reino de Deus está próximo... e que uma das funções dos Superiores é repetir muitas e muitas vezes: Coragem, o Senhor está conosco! As Bem-aventuranças são um hino à alegria daqueles que buscam Deus. O Reino dos Céus está com os Pobres porque as Filhas da Caridade os servem com alegria.

No ofertório, velas de várias cores representam os diversos continentes. A oração dos fiéis reúne diversas línguas - quase todas incompreensíveis, por serem minoritárias – mas se percebe que todas estão animadas pelo mesmo Espírito.

Pai Nosso: de mãos dadas (unidade), cada uma rezando em sua própria língua (diversidade). Claro símbolo da unidade da Companhia na diversidade das situações.

Antes da bênção final, as mãos estendidas do Superior Geral, sua figura hierárquica reverente e serena, impressionam bastante. Sentimos o sopro do Espírito emanando de suas mãos, pousando sobre cada uma de nós.

Eleição

Veni Creator Spiritus...! durante quase três anos as 23 000 Filhas da Caridade dos cinco continentes recitávamos diariamente esta oração que hoje se torna o canto que precede a eleição da Superiora Geral. Quantas orações e oferecimentos particulares de nossas Irmãs idosas e doentes nesta mesma intenção! Poderíamos duvidar da ajuda do Senhor?

Às onze e cinco, a votação estava definida e, uma vez obtida a aceitação da Irmã Evelyne Franc que acolhe esta eleição como uma manifestação da vontade de Deus, o Superior Geral proclama válida a eleição de Irmã Evelyne Franc como Superiora Geral da Companhia das Filhas da Caridade.

A simplicidade e a grandeza se unem nos assuntos importantes da Companhia. É uma herança de nossos Fundadores que devemos guardar cuidadosamente como um valor característico. Nossa gratidão bem merecida à

Mère Elizondo por seu abnegado serviço durante doze anos; gratidão também pela disponibilidade de nossa nova Superiora Geral.

O Conselho Geral se renova

Com esta mesma simplicidade, após as eleições das novas Conselheiras e a reeleição daquelas que permaneceram, tudo volta ao normal. Novamente expressamos nosso apoio às seis novas Conselheiras que aceitam este serviço na fé e também nossa gratidão sincera às outras seis que durante doze anos se dedicaram a esta tarefa difícil e silenciosa de colaborar com a Superiora Geral no Governo da Companhia.

Se os políticos pudessem perceber o funcionamento e a organização da Companhia, admirariam a facilidade com que, na fé e na simplicidade são realizadas estas mudanças... e certamente nos invejariam!

Eleição da Assistente Geral

Continuamos na mesma linha: reconhecimento àquela que termina seu mandato, simplicidade na eleição e a tarefa continua.

Os dias passam. O trabalho não perde sua intensidade, cada dia com seu interesse particular. Gozamos de um bom clima de oração, graças às liturgias cuidadosamente preparadas pela Comissão correspondente. Contamos também com a preciosa colaboração da Comissão de Coordenação, sob a ajuda do Padre Corpus Delgado, paciente facilitador e do Padre Vernaschi, perito canonista, aos quais sempre pedíamos esclarecimentos. Padre Maloney nos dá também os seus, muito preciosos e oportunos. O trabalho continua.

Os temas são estudados várias vezes. A pequena luz individual certamente esclarece os detalhes. O diálogo aberto nos grupos permite constatar as diversas opiniões e propor variações. As sessões plenárias, graças às intervenções pessoais livres, enriquecem os textos. O comitê das 3 (três) anota as opiniões e, no final, submete à Assembléia a decisão de dizer se este capítulo está suficientemente maduro para ser votado, sempre dando oportunidade de apresentar emendas antes do voto. Após o voto, estes textos modificados serão submetidos à Santa Sé para sua aprovação e inserção nas Constituições.

Todos os temas são importantes porque fazem parte das Constituições e estas são *“um caminho de santidade que muitas Irmãs já percorreram”*, mas há momentos do seu estudo que nos tocam de maneira especial.

Se as Servas dos Pobres devem renovar suas Constituições de acordo com os sinais dos tempos, deverão enfrentar o desafio de lutar contra as estruturas injustas geradoras da pobreza. É um apelo corajoso ao compromisso pessoal e comunitário para colaborar com todos aqueles que desempenham esta tarefa em todos os domínios. Compete-nos ser a voz dos sem voz. Nós, mais de 23 000 Filhas da Caridade, unidas neste esforço comum, podemos muito bem fazer alguma coisa.

Houve um outro momento muito rico e de particular emoção. A globalização em todos os níveis repercute de maneira concreta na Companhia. Ficamos todas profundamente sensibilizadas quando, no momento de estudar os Bens Temporais e a co-responsabilidade na Companhia, surgiu a manifestação reconhecida das Províncias que tendo necessidade de ajuda financeira (embora sejam ricas em outros aspectos), agradeceram às outras Províncias que as ajudaram a nascer, crescer, e lhes permitem continuar a servir os Pobres, os verdadeiramente Pobres, graças à sua generosidade e às suas privações. Como não nos motivarmos a uma verdadeira partilha, como verdadeiras Irmãs, dispensando-nos do que não é essencial, em favor de uma autêntica globalização financeira da Companhia que permita servir os mais necessitados, através das mãos de Filhas da Caridade dos países menos favorecidos?

A Assembléia Geral chegou ao seu término. Pouco a pouco os temas são submetidos ao voto. Tivemos tempo para tudo, graças à boa orientação da Comissão de Coordenação e à resposta generosa dos membros da Assembléia que não perderam tempo nem entusiasmo. Esta etapa, que deve ter magnífica repercussão nas Províncias, termina, mas as graças recebidas durante estas semanas não podem limitar-se às participantes. Uma corrente de revitalização se estenderá sobre toda a Companhia. O que se vive e se leva no coração pode ser transmitido.

Uma vez de volta às suas Províncias, cabe às Visitadoras e às Delegadas transmitir o vivido. O clima de comunhão destas seis semanas não pode ficar aqui. A partir de então, teremos um olhar bem mais universal formaremos Irmãs para que também sejam assim. Não poderemos nos limitar aos problemas de nossa comunidade local, nem de nossa Província, nem de nosso País. A Companhia se ampliou em nosso coração e vibramos diante de

todo acontecimento que se refere à Companhia em qualquer parte do mundo, e tudo que atinge os pobres, atinge também a Companhia.

Antes de nos separarmos, Notre Mère Evelyne Franc nos dirige palavras cheias de simplicidade, virtude que ama de uma maneira especial – disse-nos ela. Após agradecer a todos aqueles que fizeram esta Assembléia, tomou a passagem do Evangelho de São Lucas referente ao retorno dos discípulos que haviam sido enviados em missão. Voltam todos alegres e emocionados de tudo que puderam realizar em nome de Jesus. A Assembléia foi uma “passagem de Deus”. Estudando cuidadosamente as Constituições examinamos de maneira mais intensa o “núcleo consistente” do Carisma da Companhia, mas como Jesus dizia a seus discípulos: alegrem-se por outra coisa, “*alegrem-se porque seus nomes estão inscritos nos céus*”. Retornando agora às nossas ocupações habituais, o essencial consiste em encontrar, no mais profundo de nossa fé, a presença viva de Deus, na humildade, simplicidade e caridade. A urgência da inculturação leva-nos a expressões diferentes... Continuemos buscando a simplicidade.

O encerramento ocorreu no dia da festa do Corpo de Deus. Durante a homilia desta Eucaristia final, o Superior Geral sublinha o estranho fato de escolha de um dia especial para celebrar aquilo que celebramos todos os dias do ano. Lembra-nos a importância que São Vicente dava a “bem comungar”.

Nosso Superior Geral se despede amavelmente manifestando que está feliz porque:

- 1) Realizamos o que nos havíamos proposto: revisar a fundo as Constituições e Estatutos;
- 2) O clima foi extraordinariamente pacífico e orante;
- 3) Apreciou trabalhar com tantas mulheres admiráveis, tão fielmente doadas a Deus para o serviço dos Pobres.

Terminou um tempo forte da Companhia. O principal começa agora para torná-lo vida através de cada Filha da Caridade.

Comissão de Revisão das Constituições

Em comunhão com a Igreja

Visita do Cardeal Danneels

*Conferência aos membros da Assembléia Geral
Paris, 22 de maio de 2003*

Apontamentos retirados de uma gravação em cassete (estilo falado)

Minhas Irmãs, vocês estão em Assembléia Geral e imagino que a maior parte se pergunta: que vamos fazer no futuro? Na verdade, uma Assembléia Geral serve para determinar os objetivos para o fazer e o agir no futuro.

Se a questão: o que vamos fazer é boa, não deve ser, entretanto, a primeira. Com efeito, não se trata primeiro de questionar o agir, mas o ser, porque o ser precede o fazer! Sei que no mundo, as pessoas são apreciadas unicamente pelo que fazem. No entanto, o que fazemos como consagrados, como padres, como religiosos ou religiosas, muitos outros o fazem, por exemplo, a caridade. Por isso, numa Assembléia Geral, a primeira questão não é: fazemos alguma coisa, mas, sobre o nosso ser “quem somos nós?” Porque se não somos nada especial, também não temos nada a fazer neste mundo. Outros fazem quase sempre, mesmas obras que nós. Nossa originalidade como consagradas não está no fazer, mas no ser. Então, olhemos primeiramente quem somos, antes de questionar o nosso fazer.

1 – Chamados

Um consagrado ou uma consagrada é um tipo de homem ou de mulher bem especial. A primeira característica de nosso ser é que fomos chamados pelo

Senhor, antes mesmo que tivéssemos capacidade de pensar nisso. Porque não nos tornamos consagrados, religiosa ou padre, dizendo como no mundo: vou ser médico ou vou ser advogado ou enfermeira. No mundo, falar em vocação é dizer simplesmente: vou fazer medicina. Tudo depende de mim. Mas na vida religiosa ou consagrada, tudo depende de Deus. Porque é Ele quem chama. Quando me tornei padre, ele me precedeu, embora eu não saiba o porquê. Sempre os jovens me perguntam: “por que você se tornou padre?” Simplesmente respondo-lhes: “Não sei”. E é verdade, antes que tivesse aberto os olhos, houve Alguém que me atraiu e me disse: faça isto. A primeira característica do nosso ser é que fomos chamados gratuitamente, sem nosso mérito. Quando me consagrei religioso ou padre, Ele me chamou. Deus é o primeiro na minha vida. Quando me torno médico, sou o primeiro. **É** preciso nunca esquecer isto, senão vocês perdem a originalidade e se tornam trabalhadoras sociais como tantas outras.

2 – Olhar de fé

A segunda característica de nosso ser é olhar nossa vida com um olhar de fé. Isto significa que todos os detalhes de nossa vida têm um significado. Quando Santa Teresa de Lisieux saía ao jardim, à noite com seu pai, e via uma constelação em forma d’Orion (Orion é um cinto com uma espada), dizia: é um T. Ora, nenhum astrônomo jamais pensou que fosse um T, mas ela, sim. Assim, em nossa vida, há detalhes que para outros são totalmente normais, insignificantes, sem sentido, mas que para nós se tornam luminosos e nos mostram o amor gratuito de Deus por nós. Teresa dizia a seu pai: “papai, veja como Deus me ama. Ele colocou meu nome nas estrelas, e há um milhão de anos que está aí. Olhemos nossa vida passada e presente com um olhar de fé”.

3 – Um coração sensível

A terceira qualidade de nosso ser é ter um coração sensível. Isto significa que somos despertados quer pelas necessidades dos homens, quer pela bondade de Deus, a paixão de Jesus, o Cristo, ou ainda pelas dificuldades, os problemas do mundo e dos pobres. Somos atingidos profundamente no coração, porque temos um coração sensível. Muitas vezes, pessoas à nossa volta, nos dizem: “você estão fora da realidade, são muito ingênuos, deixam-se comover por coisas normais”; mas para nós, não é normal que haja pobres; isto não é aceitável. Portanto, a terceira qualidade de nosso ser é ter um coração sensível. E, quando se perde a sensibilidade do coração, quando se põe uma máscara ou uma carapaça ao redor dele, fazamos atenção! Não devemos cercar nosso coração com uma espécie de

muro de proteção contra as necessidades do mundo, porque os consagrados devem ter um coração sensível.

4 – Paixão por Jesus Cristo

Uma quarta característica de nosso ser é estar apaixonado por Jesus. Desde que ouvimos falar dele no Evangelho, ficamos profundamente impressionados; em certos momentos as lágrimas jorram de nossos olhos. Algumas vezes, percebemos nas entrelinhas do texto, algo bem mais profundo que outros não percebem, não porque sejam maus e nós somos melhores que eles; nós, apenas, somos diferentes. Isto não é mérito nosso, é inato. Uma vez “feridos” pelo amor de Jesus, jamais ficamos curados. É uma “ferida” que não cicatriza jamais, uma grande sensibilidade por Jesus, pelo Evangelho, por tudo que ocorreu com Jesus.

Isto quer dizer que se somos sensibilizados pela história de Jesus, por sua paixão, por suas palavras, logo também o somos por tudo que Jesus amou, particularmente as crianças, os pobres, os doentes, os pecadores. Estas são as quatro categorias de pessoas que na época de Jesus eram desvalorizadas e marginalizadas. Quando alguém é conquistado por Jesus, sensibiliza-se com os pobres, com os doentes, com os agonizantes, com as crianças, com os que são discriminados, com os encarcerados, os prisioneiros, e sobretudo, com os pecadores que são os verdadeiros pobres porque não têm amigos. Isto quer dizer que uma outra característica de nossa vida consagrada consiste em ter uma certa ingenuidade, uma certa inocência. Nunca podemos dizer: “nada de novo debaixo do sol”. Continuamente nosso coração é sensibilizado, de modo que de vez em quando, membros de nossa família nos encontram muito mais sensíveis e pensam que nunca podemos ser felizes porque sempre temos algo com que nos preocupar. E é verdade!

Isto quer dizer também que no coração de um consagrado ou de um padre há um grande amor à Eucaristia. Por quê? Porque a Eucaristia é o pão que é Jesus. E é o pão dos pobres. João Paulo II fala de admiração eucarística em sua última encíclica. Está-se diante da Eucaristia em admiração, em contemplação. Um consagrado ama passar muito tempo diante da Eucaristia a contemplar Jesus, o pão dos pobres.

5 – Interioridade

Uma outra característica é um grande desejo de interioridade. Sei que devemos agir muito, cuidar dos doentes e ajudar os pobres. Mas, quem é o grande pobre em nossa sociedade e em nossa cultura contemporânea? Quem

é o mais esquecido? É Jesus Cristo! Ele está ausente em muitos lugares. Deve-se alimentar um grande desejo de contemplação, de olhar Jesus. E quando se tem uma vocação de consagrado, o mais importante é olhar, em seguida tocar, mas é secundário, e por fim, ajudar. Precisamos dos três, mas é preciso primeiro olhar longamente antes de tocar as feridas dos pobres, antes de tratá-las.

6 – Desejo de dar a vida

Na vida consagrada, nós todos temos, pelo fato de não sermos casados, mas celibatários, um grande desejo de paternidade e de maternidade. No coração de um consagrado ou de uma consagrada há um imenso desejo de dar a vida e vida em abundância. E se nos abstermos de dar a vida a um ou outro filho, é para termos uma paternidade, uma maternidade muito mais universal. Temos muitos filhos a quem damos a vida. Há em cada ser consagrado um desejo de suscitar vida em torno de si. Não somos melhores, mas há no celibato, qualquer coisa de pureza paterna e materna, de virgindade, percebida pelos que compreendem um pouco nossa vocação. O povo confia mais facilmente em nós. O mal é que somos pouco numerosos para poder escutar a todos.

7 - Paixão pela Igreja

“Quem ama a cabeça, que é Cristo, diz São Cipriano, ama o corpo!” Não existe um meio de amar Cristo sem amar a Igreja. Se não amamos a Igreja, estamos iludindo-nos. Amar a Igreja é amá-la tal como ela é, e tal como é perto de nós. Porque é fácil amar a Igreja, praça de São Pedro, numa grande festa onde há milhares de pessoas em torno do Papa com todo aparato. Mas a pequena igreja do povoado, com um padre idoso, com pessoas que conhecemos, cheias de defeitos, esta é a única Igreja verdadeira. A Igreja, praça de São Pedro, é a Igreja numa circunstância excepcional, amável, porque não a vemos de perto, não conhecemos os seus defeitos, assim como numa grande festa de família, não vemos os defeitos dos cunhados e cunhadas. Só os descobrimos no dia seguinte! Portanto, é preciso apaixonar-se pela Igreja, que está próxima, e não por outra percebida à distância. Ela é o corpo místico de Cristo. Amá-la tal qual ela é, exige amá-la, mesmo se nos faz sofrer. O Abade Portal dizia: “A Igreja, é preciso sentar-se com ela, é preciso carregá-la sobre os ombros e, de vez em quando, suportá-la”.

O mais belo exemplo que encontrei de alguém que ama a Igreja, mesmo quando esta o fazia sofrer, foi o do cardeal De Lubac. Durante o período em que a Igreja o impediu de ensinar, escreveu sobre ela o mais belo livro do século XX:

“Meditação sobre a Igreja”. Que compaixão pela Igreja! Por outro lado, todo nosso crédito vem da Igreja. A Igreja nos pede para pregar. Por que o povo escuta? É porque a Igreja nos enviou. Não vejo porque o povo de Bruxelas viria escutar-me na catedral se eu não tivesse o mandato da Igreja.

8 – Alegria evangélica

Uma outra característica de nosso ser é a alegria evangélica. E o que é a alegria evangélica? É a alegria de ser pobre, casto, pacífico, misericordioso. Há uma alegria secreta em todas estas virtudes simples das Bem-aventuranças: uma alegria que o mundo não pode dar. Há outras alegrias quando se realiza alguma coisa, quando se faz o bem, quando se constrói um hospital, quando se organiza uma escola ou um dispensário. É a alegria de todos os empreendedores, uma alegria humana, séria. Mas a alegria pelo fato de ser simples, pobre, compassivo, bom, paciente, é totalmente diferente, não tem nada a ver com a alegria, fruto de realizações. Quando se organiza qualquer coisa, fica-se alegre, sobretudo no dia da inauguração, com a presença dos representantes do governo e do município, mas no dia seguinte, tudo acaba. Porém, a alegria de um coração pobre e simples dura toda a vida, e mesmo além da vida, porque no céu é ela que teremos e não a de ter construído uma escola. A alegria evangélica é a alegria da confiança na Providência, do desprendimento, da bondade.

9 – Aceitação de seus limites

Temos também uma espécie de força para carregar nossa própria fragilidade, e mesmo nosso pecado. Quando alguém do mundo empreende qualquer coisa e fracassa, desanima, sente-se arrasado. Para nós, como chamados e cristãos, quando constatamos nossa fragilidade, nossa pobreza espiritual, nossos defeitos, nossas faltas e nossos pecados, não há nenhuma razão para desanimar, para nos encolerizar ou nos tornarmos fingidos. Quando constatamos que somos frágeis e pecadores, não há nada mais agradável do que nos sentir pecadores perdoados, pois temos sempre diante de nós alguém que nos diz: “vem, eu te perdô”. Desconhecemos a grande riqueza que temos no perdão e na misericórdia. Para consagrados, o sentido do perdão, do arrependimento, do filho pródigo que reencontra seu Pai, do beijo do Pai sobre a nossa fronte, é típico de nosso ser. Por isso, nunca desanimamos. São Paulo diz: “tudo pode acontecer, jamais desanimo porque sei em quem acreditei”. Temos um Deus misericordioso que perdoa. É próprio de nosso ser.

Antes de trabalhar num hospital, numa escola... onde curamos as feridas de nosso tempo, tais como a pobreza, a miséria, a perseguição, as

discriminações, antes de ser curandeiros ou terapeutas neste sentido, somos primeiros curandeiros ou terapeutas em um outro sentido. Como?

O homem é uma árvore com três raízes. Ele é construído sobre três raízes, três impulsos fundamentais que são bons. Primeiramente, o desejo de riqueza, de ter, em seguida, o desejo da sexualidade, da procriação e por fim, o desejo de ter algo a dizer, o poder. Somos construídos sobre estas três raízes e sem isto não seríamos humanos. E é bom, porque Deus criou as riquezas, a sexualidade e nosso sentido de poder. Os judeus não têm nenhuma dificuldade com a riqueza, nem com o casamento, nem com o poder. Portanto, tudo é bom. Deus viu que tudo isso era bom. Mas, como na árvore do profeta Jonas havia um pequeno verme que comia e picava sua raiz e no dia seguinte a planta estava completamente seca, assim nas três raízes do homem e da humanidade há um vermezinho que ataca e mata.

E o que é este vermezinho? **É** o pequeno verme do desejo imoderado, do orgulho. Porque querer possuir qualquer coisa é bom, querer possuir tudo é mau. Poder gozar da sexualidade é bom, mas sem controle, é mau. Querer ter qualquer coisa a dizer é bom, mas querer dizer tudo é mau. E este pequeno verme da imoderação, do exagero, da ultrapassagem dos limites nos invade. Por outro lado, é curioso: coisas feitas para nos fazerem viver podem matar-nos. Quando se come é para viver. Comer demais mata. Isto significa que nos autodestruímos quando exageramos na riqueza, na procriação, no poder. Então há pessoas no mundo que, voluntariamente e na alegria, escolhem não ter riqueza, viver pobre; não procriar, viver casto; não querer impor, viver na obediência. Estes são os médicos da **humanidade**. Mas é preciso que o façam na alegria e voluntariamente. Se o fazem na tristeza, é mau.

Com os votos de pobreza, castidade e obediência nós somos uma verdadeira terapia para o mundo, mostrando por nossa vida que o poder, o ter e a sexualidade não são deuses. Se todos aqueles que praticam a pobreza, castidade e obediência (e isto existe também fora do cristianismo) desaparecessem da face da terra, não haveria mais nada de visível, o mundo estaria perdido. Nós somos uma espécie de consciência viva que lembra que tudo isto é bom, mas, não se deve exagerar. Por esse motivo, ainda que não façamos qualquer obra apostólica, nossa presença no mundo é essencial.

10 – Um certo radicalismo

Uma outra característica de nosso ser é a prática de um certo radicalismo. Toda a nossa vida consagrada nada mais é que o

desenvolvimento e o aprofundamento da graça batismal que todos os cristãos têm.. Só que nem todos vão assim tão longe. Tentamos, com toda a nossa pobreza, caindo e levantando, progredir na imitação de Jesus, ir longe, porque a ele, consagramos toda a nossa vida, toda a nossa personalidade, com todas as nossas forças. É uma radicalização da graça batismal. O que ocorre conosco? O mesmo que ocorreu com Jesus ou com João Batista quando batizava às margens do Jordão. Que pedia João Batista?

Pedia aos soldados para não abusar do poder, aos publicanos para não exigir demais, àqueles que tinham roupas, para repartir com os outros; portanto, era qualquer coisa de social. A vida consagrada é uma radicalização do social: não abusar do poder, dar o que temos, tudo partilhar.

Uma segunda coisa que ocorre em torno do Jordão e de João Batista é que Jesus toma consciência de ser o Filho de Deus. O céu se abre e o Pai, olhando para seu filho diz: “Este é meu Filho amado, meu unigênito” e todos aqueles que conhecem a Bíblia e aqueles que o escutavam, às margens do Jordão, sabiam que meu “unigênito” significava “meu Isaac”, porque o único por excelência é Isaac. Na verdade, isto significa que o Pai diz a seu Filho Jesus: “tu és o meu Isaac, serás sacrificado como Isaac, não sobre a montanha, mas sobre o calvário e não serás salvo como Isaac, morrerás”. No dia de nosso batismo Deus diz exatamente o mesmo a todos nós: “tu és meu filho, minha filha, meu único Isaac, em quem pus toda a minha complacência, todo o meu amor”. Por isso, a vida consagrada exige progredir no social, mas, sobretudo encontrar-se nas águas do Jordão como Jesus e ver o céu que se abre e escutar a voz de Deus a nos dizer: tu és meu filho, minha filha. É um aprofundamento de nossa graça batismal: ir sempre mais adiante sem recuar, ir até o extremo. É uma vocação na sua radicalidade.

Este radicalismo da graça batismal pode ser vivido de duas formas concretas:

— A primeira chama-se vida contemplativa, o que significa radicalizar a graça batismal amando a Deus, deixando-se amar por Ele, encontrando-se nas águas do Jordão e consagrando toda a sua vida, dia e noite, à meditação, à contemplação, à escuta desta palavra: “tu és meu filho, minha filha, eu te amo”. Desta vida contemplativa todos temos um pouco, mas alguns consagram-se a ela totalmente. Praticam a radicalização de sua graça batismal na linha do “olhar”. É uma vocação especial. Aos olhos do mundo, a vida contemplativa é totalmente inútil, uma perda de tempo. Eu nunca compreendi que o mundo diga aos contemplativos que eles perdem seu tempo na contemplação, e que não diga também que se perde tempo contemplando a pessoa que se ama. Se eles

compreendessem que a vida contemplativa é um olhar sobre o bem-amado, não diriam que é perda de tempo! É um mistério de amor e é inexplicável se não se ama nem se conhece o amor.

— A segunda maneira, é com base na contemplação, doar-se efetivamente ao serviço dos outros na caridade. É do mesmo tipo que a anterior, porque se amamos os pobres e os pequenos, não é por ter um coração capaz de fazê-lo e de encontrar por suas próprias forças a fonte do amor de que se necessita para amar os outros. Se você ama os pobres e pequenos é porque, primeiramente, você foi amada por Deus, senão desanimaria, não resistiria às dificuldades. Só porque sabemos que somos pobres diante de Deus e que Ele nos ama tais como somos, é que somos capazes de nos deixar invadir por este amor e transmiti-lo aos outros; do contrário, desanimaríamos podendo chegar a dizer em certos momentos: “basta”, “é demais!, é um fracasso” ou ainda, “eles não correspondem, para eles tanto faz!”. Daí a causa de tanto desânimo na vida apostólica, porque esquecemos de olhar para Deus, de contemplar seu amor e pensamos muito: “eu amo, eu tenho um grande coração”.

Este dom afetivo aos outros nos vem de Jesus, porque Deus nos ama. Por outro lado sabemos que quando somos amados por alguém e estimulados por nossos superiores e nossos co-irmãos e co-irmãs, somos capazes de doar-nos muito mais. Isto nos impulsiona.

Esta vida ativa sob todas as formas supõe qualidades como:

— **Criatividade para amar os outros**, porque estes como camaleões, se transformam com as culturas, com as épocas. Isto mostra que o serviço assume outras formas, e não é possível pensar que esgotamos todas as formas possíveis de serviço; há ainda muitas outras. Se amamos verdadeiramente os pobres, sempre descobrimos novas formas de pobreza. Eis um exemplo: no terceiro mundo, muitas vezes, as necessidades são materiais: falta dinheiro, alimento, cuidados de saúde e os pobres são visíveis. Mas em nossa sociedade ocidental, por exemplo, percebe-se bem menos a pobreza; é como se a pobreza tivesse assumido uma outra forma tal como a depressão psicológica: em nossa realidade não há tantas pessoas com fome, mas são muitos os desanimados e deprimidos. São outras formas de pobreza. A droga, os suicídios em massa de jovens, dentro de casas e cidades ricas, comprovam há muito tempo, uma pobreza humana e espiritual incrível;

as pessoas mais infelizes que já encontrei na minha vida eram muito ricas.

— **Coragem de correr o risco** juntos, em comunhão com os outros. Na verdade, de nada serve acender um fogo de palha por alguns minutos. É preciso manter a chama e isto exige discernimento, “boas idéias”. Claro, todos os santos inovadores parecem um pouco loucos em suas idéias. As idéias devem encarnar-se e serem assumidas por uma comunidade. Uma idéia só vinga quando passa pelo crivo das emendas, o que exige um certo tempo antes de ser aceita. Quando São Francisco de Assis quis escrever sua regra, começou com uma composta unicamente de pequenas frases tiradas ao pé da letra, do Evangelho. Não acrescentava nada. Ia ao Papa para que a aprovasse e este dizia: “Francisco, volta a Assis, isto é impraticável!” E era o Evangelho puro! Francisco tinha a luminosa idéia de que uma regra não devia conter nada além do Evangelho. Porém, voltou e a reescreveu, acrescentando algumas frases, não disse que o Papa estava enganado, mas esperou ainda algum tempo. Retornou e tudo foi aprovado. Poderia ter se zangado dizendo: “Se o Papa diz que o Evangelho é impossível, aonde vamos parar?”

— **Perseverança**, sobretudo nas obras apostólicas

— **Testemunho da comunidade.** Pode-se viver a graça batismal sozinha, como virgem consagrada. Porém há uma grande vantagem de vivê-la em grupo. Por quê? Primeiro, porque é mais visível. Em seguida, há uma ajuda mútua: se Jesus disse a seus apóstolos: “ide dois a dois” é porque se um cai, o outro sustenta. É muito raro desanimarem os dois. Um grupo que apresenta um testemunho visível, ajuda-se mutuamente, pode ser mais duradouro. É muito fácil ter boas idéias por cinco minutos e praticá-las durante estes cinco minutos! Não servirão para nada, são fogos de artifício!. Porém, praticá-las durante 200 ou 300 anos, não se conseguirá sozinho, é preciso estar em grupo. Embora se trate primeiro de cuidar do ser, o fazer também tem sua importância. Uma fé sem obras é morta. Há um serviço a ser desempenhado em comunidade. Seu carisma é o serviço. Creio que em seu DNA há um cromossomo a mais, o do serviço. É mais forte do que você mesma. E é preciso dizer que não é produzido por você mesma. Você nasceu com este cromossomo. Conserve-o, pois, preciosamente e desenvolva-o bem.

Novas formas de pobreza

Nos países em via de desenvolvimento, não se precisa procurar as novas formas de pobreza e de miséria. Elas são muito visíveis, portanto, continuem. Mas em outras partes do mundo, há a pobreza da ausência de sentido da vida, a pobreza da droga e ainda mais, a pobreza da solidão das pessoas idosas. No ocidente o número dessas pessoas aumenta cada vez mais. São os pobres de nossa sociedade ocidental. A solidão e também a discriminação social, racial e cultural. Esforcem-se também ter muita criatividade no amor para descobrir as novas formas de pobreza.

Tenham uma grande preocupação com a vida, pela defesa da vida, a vida em todas as suas formas vulneráveis, a vida da criança ainda em gestação, a vida do idoso agonizante... Somos os únicos na Igreja, totalmente a serviço da vida desde o início até o fim. O Papa é o único a falar sobre isso e na sociedade, fala-se cada vez menos. Ora, por isso mesmo, estamos em via de desumanizar-nos, porque uma sociedade é humana e humanizada quando está gratuitamente a serviço das formas de vida que não têm função ou utilidade, mas das quais é preciso cuidar porque são vidas humanas..

O sentido do diálogo e da inculturação

Não tenho nenhuma idéia sobre a inculturação porque penso que a inculturação é decidida no próprio lugar. São aqueles que habitam na Índia, na América Latina, em Nepal, na China... que devem criar o que deve ser a inculturação. Evidentemente, é preciso lembrar que Pedro deve ser a cabeça. É preciso escutar as maravilhas e os problemas daqueles que vivem longe, acrescentando a isso uma boa dose de bom senso e discussões em comum, sem perder a inspiração fundamental. Porque inculturar por inculturar é moda. É preciso saber o que se quer inculturar. A inculturação supõe um carisma inicial e fundamental, senão a inculturação não passará de uma linda caixa vazia, bonita para o olhar. Daí a necessidade de discernir juntos qual é a vocação profunda da Companhia, de basear-se na inspiração dos fundadores, depois, no entendimento com os outros, em cada lugar onde a Companhia está implantada, manter um certo crédito sempre aberto ao diálogo. Com os meios de comunicação atuais somos capazes de discutir e de nos entender por toda parte no mundo. O diálogo é importante. É a primeira manifestação de humildade. O diálogo com meus irmãos padres, para ver o que é preciso decidir como ação apostólica, exige da minha parte humildade para escutá-los, porque posso pensar que sei mais do que eles. Muitas vezes é preciso

saber escutar coisas que à primeira vista podem parecer bobagem, mas nem sempre o são.

A ecologia e sua globalização

Não é minha especialidade, mas é preciso saber qualquer coisa sobre este assunto. É importante aprofundar todas estas reflexões, Há também a ecologia do coração, a purificação do coração. Por causa da nossa cobiça e do nosso desejo de dinheiro, de poder, de dominação, de exploração, corremos mais perigo de envenenar o interior do nosso coração do que o ambiente externo. Aqui também os direitos do homem são violados, começando pelo direito à vida.

Abrir-se a outras culturas

É necessário abrir-nos a outras culturas e esforçar-nos por compreendê-las, mesmo se forem difíceis. Jamais poderemos dizer: não sou chinês, jamais serei chinês, portanto, não me interesso pelos Chineses. Claro que podemos dizer as duas primeiras expressões, mas não a terceira: “não me interesso pelos Chineses”. Aqui também há uma espécie de humildade e uma fonte de enriquecimento. Eu mesmo, vivo em duas culturas, na Bélgica: a do norte: holandesa, alemã, inglesa e a do sul que é totalmente diferente: francesa, espanhola, italiana. Embora seja muito cansativo mudar constantemente, não somente de língua, mas de mentalidade, é extremamente rico porque a cada dia descobrimos riquezas diferentes. É uma pena fechar-nos em nosso mundinho porque nele ficamos à vontade: claro, não nos cansamos, mas empobrecemos. Há tanta riqueza no mundo com as culturas, as línguas, as civilizações que é preciso fazer todo o possível para nos abrir ao diferente: “fiz-me tudo para todos: grego com os gregos, judeu com os judeus...” dizia São Paulo. Ele nem imaginava quanta verdade dizia. Agora a diversidade é bem maior, mais difícil, mais exigente, mas temos computadores à nossa disposição.

Para terminar o Cardeal responde a uma questão sobre a atual diminuição do número de vocações sacerdotais e religiosas.

Primeiramente é preciso saber que o número de vocações nos países em via de desenvolvimento é bem maior do que na Europa ou na América. Não creio que haja menos padres e religiosos no mundo. Entre 1980 e 2003 o número de seminaristas dobrou em nível mundial. Mas nos países do primeiro mundo a diminuição é real, por várias razões :

— A primeira, para mim, são as famílias pouco numerosas, com um ou dois filhos. Que influência tem isto? Quando só há um ou dois filhos, dificilmente os pais aceitam que eles deixem a família para não fundar uma outra. Isto é profundamente natural.

— A segunda é que, em nossa época, os jovens têm muito mais dificuldade para assumir um compromisso definitivo, Querem muito, prestar um serviço apostólico na África ou em outra parte, de um a seis meses, mas não por toda a sua vida.

— Tornar-se padre, religioso ou consagrado não é mais uma promoção social. Há cinquenta anos, tornar-se padre era ascender na escala social. Éramos respeitados por todos e uma ordenação sacerdotal na paróquia era uma festa para toda a cidade. Agora, ser padre ou religioso, aos olhos de muitos, é uma “desvalorização social”, uma manifestação de que a pessoa não está bem. Por isso, tornar-se padre ou religioso, hoje, supõe fazê-lo unicamente por amor de Cristo. Não há mais motivações misturadas, o que poderia acontecer há cinquenta anos. Também não significa que antigamente as vocações não fossem verdadeiras, mas era mais fácil isso ocorrer, porque escolhendo a Cristo escolhia-se também uma vida melhor para si. Hoje, quando se escolhe seguir o Cristo, seguimo-lo em seu despojamento, em sua pobreza e mesmo na rejeição.

O que Deus quer dizer-nos através de tudo isso? Não sei exatamente, mas formulo uma hipótese. No Antigo Testamento, num determinado momento, os Judeus começaram a dizer: temos Lei, Templo, Sumo Sacerdote, escribas, país, economia... temos tudo! Não necessitamos mais de ti, Senhor; nós mesmos faremos tudo. Então Deus enviou-os, em exílio à Babilônia, onde não havia nem Lei, nem Templo, nem sacerdotes... nada. Deus falou a si mesmo: mostrar-lhes-ei que sem mim nada podem fazer. E foi no exílio que os profetas escreveram os mais belos textos sobre Deus: a maternidade de Deus por Isaias, o texto de Daniel que diz: “Senhor, não temos mais nada, mas temos um coração humilde e contrito”. Dizemos esta pequena frase todos os dias na missa, durante o ofertório.

Creio que no Ocidente, nós pensamos muito que Deus tinha a chance de nos ter! Ele quer talvez nos mostrar agora que somos nós que precisamos da chance de tê-lo. Por isso, Ele nos faz passar por um pequeno “exílio da Babilônia” que vai purificar-nos... Mesmo que eu não veja o grande retorno das vocações (talvez meu sucessor verá), isto não tem muita importância porque o Senhor me pede para guardar o seu rebanho entre tal e tal ano e no final me dirá: querido servo, vem para a minha casa, deixa isto para um outro.

Cardeal Danneels
Arcebispo de Mâlines-Bruxellas

Ao longo dos dias

Era peregrino e me acolheste

Relatório das Províncias Europeias
sobre a população migrante e de pedintes de asilo
16 de junho de 2003

Introdução

A Assembléia Geral de 1997 lançou o desafio sobre a “inculturação” do nosso carisma num mundo em mutação”. Em conseqüência, tomamos mais consciência da diversidade das culturas, de sua dignidade específica, dos desafios de engajamento e de algumas respostas dadas pela Companhia das Filhas da Caridade aos grandes apelos dos mais pobres entre os pobres.

O Santo Padre em sua mensagem à Assembléia Geral de 1997, citava “Vita Consecrata” e dizia: “*Exorto vivamente os membros da Assembléia Geral a olhar e a analisar com lucidez as mutações do mundo onde a Companhia é chamada a trabalhar, bem como as novas formas de miséria que elas provocam. Assim, o Instituto responderá sempre melhor, com disponibilidade e espírito inventivo, aos apelos urgentes dos pobres e da Igreja. Que as Irmãs estejam atentas, particularmente às pessoas que estão numa situação de maior debilidade, aos homens e às mulheres, prejudicados no seu corpo ou no seu espírito, feridos em sua dignidade. No meio destes, considerados e tratados como os últimos da sociedade, elas têm por vocação, ser a imagem do amor e da misericórdia de Cristo e de sua Igreja, para servi-los corporal e*

espiritualmente". A Igreja e a Comunidade nos chamam, mais do que nunca, a uma maior fidelidade e sensibilidade criativas no mundo dos Pobres".

Durante o Encontro das Visitadoras da Europa, em Abril de 2001, em Salamanca, na Espanha, a questão das migrações de numerosas populações (imigrantes, refugiados, pedintes de asilo, trabalhadores migrantes) fez parte dos assuntos tratados. Buscando a liberdade, longe da perseguição, procurando um lugar seguro, um emprego, melhores condições de vida para sua família, estes povos conhecem uma grande miséria. As Visitadoras pediram que um apelo referente aos migrantes, seguido de proposições, fosse levado à Assembléia Geral de 2003 (Ecos, Junho 2001).

A finalidade deste relatório é suscitar maior sensibilidade para com os migrantes e os pedintes de asilo, oferecer algumas informações específicas, iniciar o debate e apresentar propostas em vista de atividades posteriores.

"Desde o começo do mundo, as pessoas tomaram consciência das diferenças entre os povos": cor, língua, religião, tribos, território. Tudo isto desempenha um papel na visão bíblica do "desconhecido" ou do "forasteiro", segundo as traduções da Bíblia.

No capítulo 3 do Êxodo, Deus é representado como um Deus sensível e próximo dos sofredores... um Deus que deseja a liberdade do seu povo, que lhe oferece um futuro diferente numa terra para onde o conduzirá.

No livro do Deuteronômio, Deus nos diz: *"Amareis o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito"* (Dt. 10, 19).

O Levítico nos lembra que *"O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota"* (Lv. 19, 34).

Há numerosas referências nos textos aos Hebreus sobre a atenção de Deus para com o estrangeiro ou o refugiado, porém, toda a compaixão de Deus está resumida nestas palavras de Jesus: *"Era peregrino e me acolhestes"* (Mt 25, 35) ou numa carta dirigida aos Hebreus, por um autor paleocristão: *"Não vos esqueçais da hospitalidade para com o estrangeiro... lembrai-vos dos prisioneiros, como se vós mesmos fôsseis prisioneiros, não vos esqueçais daqueles que são torturados, como se fôsseis vós os torturados!"* (Hb. 13, 1).

Nossas Constituições 1.2 lembram-nos que: *"As primeiras Irmãs cuidavam, no início, dos Pobres doentes a domicílio, nas cidades e aldeias. Depois, à medida das necessidades, ocuparam-se dos doentes nos hospitais, da*

instrução das jovens, das crianças abandonadas, dos galés, dos soldados feridos, dos refugiados, das pessoas idosas, dos dementes e outros...”

Numa carta ao Superior de Varsóvia, em Junho de 1652, São Vicente descreve o trabalho das Irmãs: *“As pobres Filhas da Caridade são mais comprometidas do que nós no serviço corporal dos Pobres. Elas preparam e distribuem a sopa todos os dias para 1.300 pobres, na casa de Mademoiselle Le Gras e para 800 refugiados do subúrbio Saint Denis... Outras Irmãs fazem a mesma coisa em outros lugares”.*

Assim, desde sempre, os refugiados, as vítimas da guerra e os “excluídos”, foram objeto da atenção das Irmãs.

O Santo Padre nos pede também que vejamos no estrangeiro em situação ilegal ou no refugiado o *“ícone moderno do viajante despojado, assaltado no caminho de Jericó”.*

Fenômeno de migração

Hoje, mais do que nunca, pessoas desesperadas, que deixaram sua pátria, pobres entre os pobres, são exploradas sem escrúpulo. A maior parte delas deixa seu país por causa das situações de conflito, de guerras, durante as quais casas e cidades foram incendiadas e membros de sua família mortos. Outros fogem devido à perseguição religiosa ou aos conflitos culturais. Muitos são atingidos pela fome e as catástrofes naturais.

A maior parte dos exilados chega aos países ocidentais, neste mundo industrializado, em busca de emprego, de liberdade e um lugar seguro para suas famílias. Arriscam-se a perder a vida, lutando por este sonho, alimentado pela percepção que têm desses países, onde pensam encontrar prosperidade econômica e liberdade de ação. Muitos perdem sua vida nesta tentativa... todos aí sofrem humilhação, privações e, freqüentemente são repatriados à força.

Quando falamos de migração das populações, referimo-nos a numerosas categorias classificadas no plano internacional.

Pedintes de asilo: Em referência à Convenção de Genebra, é considerado como pedinte de asilo toda pessoa que, tendo fugido de seu país de origem, declara uma necessidade de proteção diante das autoridades competentes.

Refugiado: é o pedinte de asilo que obtém o visto de asilado político ou de asilado territorial.

Residência temporária ou humanitária: visto de permanência concedido a uma pessoa num país, dependendo da vontade do governo.

Migrante / imigrante: pessoa que se desloca de um país para outro, geralmente em busca de trabalho ou em vista de um melhor emprego.

Imigrante ilegal / clandestino: pessoa que entra num país e aí permanece ilegalmente.

Pessoas deslocadas no interior do país: Pessoas que foram forçadas a deixar suas casas, mas que não conseguem entrar num país vizinho. Ao contrário dos refugiados, não estão sob a proteção da lei internacional e não podem pretender nenhuma ajuda.

Em 2001, o Alto Comissariado dos refugiados das Nações Unidas publicava as estatísticas abaixo, segundo o número de pedidos de asilo nos países industrializados. Isto dá uma idéia da procedência das pessoas refugiadas e dos países de acolhida.

PEDIDOS DE ASILO EM PAÍSES INDUSTRIALIZADOS		
Países de asilo	Principais países de origem	Total
REINO UNIDO	Afeganistão, Iraque, Somália, Sri Lanka, Iugoslávia,	88.300
ALEMANHA	Iraque, Turquia, Iugoslávia, Afeganistão, Federação Russa,	88.290
ESTADOS UNIDOS	México, China, Colômbia, Haiti, Armênia,	86.180
FRANÇA	Turquia, R. D. Congo, China, Mali, Argélia,	47.290
CANADÁ	Hungria, Paquistão, Sri Lanka, Zimbábue, China,	44.040
PAÍSES BAIXOS	Angola, Afeganistão, Serra Leoa, Irã, Guiné,	32.580
ÁUSTRIA	Afeganistão, Iraque, Turquia, Índia, Iugoslávia,	30.140
BÉLGICA	Federação Russa, Iugoslávia, Argélia, R.D. Congo, Irã,	24.550
SUÉCIA	Iraque, Iugoslávia, Bósnia-Herzegovina, Federação Russa, Irã	23.520
SUIÇA	Iugoslávia, Turquia, Bósnia-Herzegovina, Iraque, FYR Macedônia,	20.630

REP. TCHECA	Ucrânia, Moldávia, Romênia, Vietnã, Índia,	18.090
NORUEGA	Federação Russa, Croácia, Somália, Iraque, Ucrânia,	14.780
DINAMARCA	Afeganistão, Iraque, Bósnia-Herzegovina, Iugoslávia, Somália,	12.400
AUSTRÁLIA	Afeganistão, Iraque, China, Indonésia, Fiji,	12..370
IRLANDA	Nigéria, Romênia, Moldávia, Ucrânia, Federação Russa,	10..330
ITÁLIA	Iraque, Turquia, Iugoslávia, Sri Lanka, Somália,	9..620
HUNGRIA	Afeganistão, Bangladesh, Iraque, Serra Leoa,	9..554
ESPANHA	Colômbia, Cuba, Nigéria, Serra Leoa, Federação Russa,	9..219
ESLOVÁQUIA	Afeganistão, Índia, Iraque, Bangladesh,	8.151
POLÔNIA	Federação Russa, Armênia, Afeganistão, Moldávia, Romênia,	4.533
GRÉCIA (JAN-SEP)	Iraque, Afeganistão, Turquia, Paquistão, Irã,	2..906
ROMÊNIA	Afeganistão, Iraque, Somália, Índia, Irã,	2..380
ESLOVÊNIA	Turquia, Irã, Iraque, Iugoslávia, Macedônia,	1..508
PORTUGAL	Serra Leoa, Angola, Afeganistão, Gâmbia,	192

NOTA: Estas estatísticas referem-se às pessoas que solicitam asilo, mas excluem grande número de trabalhadores migrantes e de emigrados ilegais em todos estes países.

O Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas (ACNUR) oferece proteção e assistência a outra categoria de deslocados ou necessitados. Nestes inclui, não apenas os pedintes de asilo e os refugiados, mas também as pessoas que regressaram a seu país e que necessitam de ajuda para reconstruir a vida, - as comunidades civis diretamente afetadas pelos movimentos de refugiados e, talvez o mais importante, o crescente número de pessoas deslocadas no interior do próprio país. (muitos foram estrangidos a fugir de suas casas e não puderam chegar a um país vizinho. Não estão protegidos pela lei internacional e não têm direito de receber nenhuma ajuda).

Em conseqüência da mudança na natureza das guerras durante as últimas décadas (cada vez mais os conflitos internos substituem as guerras entre Estados), o número de deslocados no interior do próprio país aumentou consideravelmente e este fenômeno se tornou hoje a segunda grande

preocupação do Alto Comissariado para os refugiados das Nações Unidas (UNHCR). O quadro seguinte põe em evidência este fato em cada continente.

ESTIMATIVA DO NÚMERO DE PESSOAS COLOCADAS SOB A PROTEÇÃO DO “UNHCR”		
REGIÃO	Total de pessoas 1º janeiro de 2001	Total de pessoas 1º janeiro de 2002
ÁSIA	8.449.900	8.820.700
ÁFRICA	6.060.100	4.173.500
EUROPA	5.592.400	4.855.400
AMÉRICA DO NORTE	1.051.700	1.086.800
AMÉRICA LATINA E CARIBE	575.500	765.400
OCEANIA	84.500	81.300
TOTAL	21.814.200	19.783.100

NOTA: Os 20 milhões de pessoas mencionadas nas estatísticas não incluem um grande número de pessoas que se deslocam de um país a outro, em busca de trabalho e que estão legalmente num determinado país, mas que ainda enfrentam uma grande pobreza, resultante da exploração e discriminação no país de acolhida. Também é preocupante a média de idade dos interessados. Estima-se em 7,7 milhões o número de crianças colocadas sob a proteção da UNHCR. Muitos são menores de 18 anos e estão com frequência desacompanhados. Em certos lugares do mundo, sobretudo, no Leste da Europa e nos Bálcãs, 15% de refugiados são idosos (mais de 60 anos).

Perfil das pessoas que deixam sua pátria

Quando José e Maria fugiram para o Egito com o Menino Jesus, tinham poucas informações; isto também acontece, em nossos dias, com os pedintes de asilo que chegam a nossos países. Deixam atrás de si família, amigos, país e partem para um lugar desconhecido, muitas vezes perigoso. Logo que chegam encontram barreiras. Muitos não falam a língua, não estão informados sobre os processos legais de procedimento para pedir asilo. Encontram hostilidade, enfado, exclusão, preconceitos, racismo e discriminação. Sentem angústia e medo, origem de sintomas psicossomáticos;

outros mostram imediatamente sinais de haver sido torturados, mal-tratados fisicamente ou violados. Muitos correm o risco de se envolver com a droga, o tráfico de pessoas ou a prostituição.

Após o choque inicial da chegada, a realidade pode agravar mais ainda seus problemas. Para os que não têm autorização de trabalhar, o desânimo, a depressão, o isolamento social se instalam. As regras sociais podem ser deturpadas, por exemplo, as mulheres podem ser tratadas iguais aos homens. Há um aumento de pobreza entre os pedintes de asilo. Vivem no temor de serem deportados, até o dia em que sua reivindicação é considerada.

Em certos países de acolhida, há centros de detenção para menores e os governos que aplicam uma política de descentralização fazem tudo, para que os alojamentos sejam bem longe uns dos outros e da capital, com determinações visando limitar ao máximo as possibilidades de deslocamento. Eles aí vivem em aposentos insalubres, com condições sanitárias inadequadas, excluídos de toda possibilidade de integração, de educação e de trabalhar.

A lei europeia

Enquanto muitas populações são protegidas por diferentes tratados ou acordos entre países e no interior de cada país, delinea-se atualmente na Europa um movimento que tende a harmonizar a legislação referente às populações migratórias. A União Europeia exerce um papel importante na elaboração da lei que controla o asilo político através dos Estados membros. Desde o Tratado de Maastricht, em 1993, a União Europeia trabalha na criação de um vasto território europeu de liberdade, de segurança, de justiça.

Depois do Tratado de Amsterdã, em 1999, trabalha-se também para chegar à harmonização das regras e políticas aplicáveis aos pedintes de asilo até 2004. O objetivo último dessas regras da União europeia referentes ao asilo político é fazer com que os deslocados só possam solicitar asilo uma única vez no interior dos países da União Europeia. As chances de obtenção do visto de refugiado e o tratamento dos dossiês devem ser os mesmos em cada país.

Na prática, isto significa que as leis se tornam cada vez mais restritas e menos acolhedoras para as populações deslocadas. Isto acontece em outros países no mundo inteiro, não é unicamente um fenômeno europeu.

O órgão designado “organização da migração” aplica regras políticas nacionais altamente restritivas com relação à imigração, regras que limitam o número de autorizações de permanência, facilitam o retorno ao país de origem aos sem documentação, toleram a expulsão sumária dos que têm o pedido de asilo recusado através de processos rápidos e o reforço dos mecanismos para o controle das fronteiras.

A fim de impedir a fuga dos refugiados dos lugares de perseguição para obter asilo nos países da Europa ocidental, aplica-se um regime muito restrito de concessão de vistos, assim como sanções aos transportadores e acompanhantes de clandestinos e a aplicação das regras denominadas “safe third country” (seguro de terceiro país) em paralelo a propostas visando à “regionalização da proteção do refugiado”, designando para eles “lugares de segurança” e garantindo-lhes a promoção de “direito de permanência”, proposições editadas para criar novos obstáculos. (Conselho Europeu para os Refugiados e Exilados, Outubro de 2000)

Mídia

Os meios de comunicação têm um papel importante na percepção do público sobre os pedintes de asilo, os refugiados e trabalhadores imigrantes, que, com frequência, apresentam como um problema a ser enfrentado, como pessoas que se apoderam dos trabalhos dos nativos ou exploram o sistema de previdência social dos países de acolhida. No discurso dos funcionários e líderes políticos dos governos, existe a tendência de caracterizar todos os pedintes de asilo e trabalhadores imigrantes como uma ameaça para a União Européia e como clandestinos ou falsos pedintes de asilo .

Há pouquíssimas oportunidades de realçar os aspectos positivos do inter-culturalismo; é um desafio para as Filhas da Caridade levar a “boa nova” aos homens e combater os preconceitos. Na verdade, devemos considerar a integração das populações migratórias em nossos próprios países, mais como desenvolvimento positivo do que como obstáculo.

Desafios

Os desafios são numerosos, diversos e importantes; classificados segundo uma política governamental pode-se **evocar**: as questões legais, os Direitos do Homem, o asilo , os grupos de pressão, o apoio, a proteção, a integração, os vistos e licenças de trabalho, a comunicação, o emprego, a instrução, saúde e nutrição, os problemas terapêuticos, os serviços da infância e da família, os menores não acompanhados, os meios de comunicação, os

centros de acolhida, a apreciação das diferenças, a detenção, os problemas econômicos, a crítica à política governamental...

Proposta de linhas de ação

Nível pessoal

- Manter-nos informadas, desenvolver o interesse e a responsabilidade neste serviço.
- Reconhecer nossos próprios medos, preconceitos e comportamentos.
- Considerar a pessoa, não como uma ameaça, mas como um hóspede constrangido pelos acontecimentos, uma pessoa buscando asilo ou trabalho em nossos países.
- Favorecer o respeito à diferença cultural, religiosa e étnica.
- Visita / amizade – Testemunho do carisma e de nossos valores evangélicos: “*era peregrino e me acolhestes?*”
- Fazer campanhas para mais abertura, compreensão e acolhida dos estrangeiros entre nós.
- Visitar os doentes os prisioneiros, participar dos centros de acolhida, curso de línguas, etc...

Nível provincial

- Responder com prioridade às necessidades do estrangeiro e suscitar uma tomada de consciência das dificuldades dos pedintes de asilo e dos refugiados.
- Priorizar na Província ajuda às pessoas exploradas.
- Estabelecer um mecanismo através do qual se propague a informação dentro das Províncias e entre Províncias.
- Permanecer unida às organizações da Igreja. Exemplo: Comitês Episcopais de migrações: declarações para refugiados e pedintes de asilo.
- Utilizar os recursos existentes na Província, ex: grupo /Comissão de justiça.
- Estabelecer uma rede de relações no interior da família vicentina, e com outros organismos nacionais e das ONGs.
- Favorecer a criação de um centro de acolhida em cada Província.
- Ajudar crianças e menores, particularmente nos domínios sanitário, escolar e da língua.
- Ajudar a encontrar melhores condições de vida: moradia, alimentação e serviços de saúde.
- Prestar assistência aos processos administrativos (procedimentos legais ou aos pedidos de asilo).
- Envolver-se nos grupos de acolhida da Paróquia (indivíduo e famílias).
- Favorecer a educação e a formação das Irmãs a serviço das populações migrantes

- Criar oportunidade de encontros para evangelização, ecumenismo e de compreensão a nível inter-religioso e “multi-confessional”.

Nível internacional

- Estabelecer um vínculo com os órgãos humanitários, por exemplo: Anistia Internacional, Conselho Europeu para refugiados e exilados, UNHCR, serviço dos Jesuítas para os refugiados, etc... “sítio internet” da família vicentina.
- Lançar uma campanha de sensibilização da família vicentina para com os pedintes de asilo e refugiados, como a campanha do ano passado sobre “a fome no mundo”, lançada pelo Padre Maloney.
- Organizar uma sessão internacional, em Paris, sobre o tema da imigração (refugiados, pedintes de asilo, imigrantes).
- Utilizar o sítio Internet da família vicentina e os Ecos para informar a Companhia.
- Introduzir nos programas de Formação das Irmãs do Seminário e das postulantes, bem como nos de formação em geral, os temas da imigração e de emigração.
- Publicar uma lista das Filhas da Caridade, da Família Vicentina (pessoas com as quais pode-se entrar em contacto) em cada país.
- Facilitar os intercâmbios de pessoal em cada Província.
- Pensar na organização de uma Comissão internacional permanente ou centro para imigração e Missão (por exemplo no Centro Missionário de Paris) com as pessoas “de contato”, designadas pelas Províncias. Estas pessoas seriam peritas em assuntos da U.E., legislação, política social, línguas, economia.
- Proporcionar documentação específica a uso da Comunidade Internacional onde se pudesse encontrar informação sobre os países de acolhida, sua política e uma informação sobre os países de origem dos pedintes de asilo.
- Fazer pressão para a anulação da dívida, promover o comércio eqüitativo, adquirir conhecimentos sobre os mecanismos da globalização e suas conseqüências (trabalhar na construção de um mundo mais justo).

Conclusão

As respostas recebidas das Províncias da Europa mostram-nos claramente que todas as Províncias já trabalharam bastante com os migrantes, através de centros de acolhida, de iniciativas de formação e serviços de saúde e ensino.

Percebemos a criatividade e a generosidade através dessas respostas. O encontro das Visitadoras da Europa, em Salamanca, revelou uma grande preocupação diante deste fenômeno migratório que se amplia e o sofrimento

decorrente da quantidade de populações migrantes. Há aí um desejo imenso de melhor responder a este desafio, como Comunidade Internacional.

A Assembléia Geral oferece a oportunidade para crescer na tomada de consciência da problemática, envolver toda a Comunidade mundial no estudo das causas e a busca das respostas aos problemas migratórios e manifestar nossa solidariedade para ajudar a resolver este problema urgente de pobreza hoje.

Este relatório não termina aqui. É curto e incompleto, porém suficiente para estimular a tomada de consciência dos membros da Assembléia, provocar intercâmbios, estimular a solidariedade, encontrar elementos de respostas apropriadas, e, o mais importante, estimulá-los para abrirem o debate sobre este assunto e buscar respostas criativas em sua própria Província.

Um “muito obrigada” bem sincero para todas as Províncias por suas respostas ao questionário e ao grupo de Irmãs que ajudaram a realizar este relatório.

Estamos conscientes de que isto não é um problema para a Europa, mas de todas as nossas Províncias, porque vivemos num país que acolhe grande número de migrantes, ou porque nosso país, por razões econômicas, sociais ou políticas, vê um grande número de pessoas se deslocar e buscar refúgio em outros países.

REFERÊNCIAS e ENDEREÇOS ÚTEIS

Constituições da Companhia: C. 1.2; 1.7; 1.8

Sagrada Escritura: Salmo 137, Lv. 19-34, Mt. 25, 35 Livro de Rute, Dt. 10, 19, São Paulo.

Papa João Paulo II: www.vaticano.va

Bispos dos Estados Unidos: www.nccbuscc.org

Alto Comissariado aos Refugiados da ONU: www.unhcr.ch

Amnesty international: www.amnesty.org

Serviço de Refugiados dos Jesuítas: www.jrs.net/www.jreurope.org
CP 6139 Roma Prati, ITALIE

Defesa dos Direitos do Homem: www.hrw.org

Endereço nos Estados Unidos

350 Fifth Avenue, 34th floor
New York, 10118, NY
U.S.A.
Fax: + 1 212 736 1300

Endereço na Bélgica
Rue van Campehout
1000 Bruxelles
Bélgica
Fax: +32 2 732 0471

Conselhos nacionais de Refugiados: www.refugeecouncil.org.uk
www.refugeecouncil.org.au

Cruz Vermelha Internacional e Croissant Rouge: www.redcross.int

Comitê Internacional da Cruz Vermelha: www.icrc.org

Federação Internacional da Cruz Vermelha
e das sociedades do Croissant Rouge: www.ifrc.org

Conselho Europeu aos Refugiados e aos Exilados: www.ecre.org

Endereço na Grã-bretanha
Stapleton House,
Clifton Centre, Unit, 22
110 Clifton Street, London
EC2A 4HT
United Kingdom
Fax: +44 207 729 5141

Endereço na Bélgica
Rue Belliard, 205 Box 14
1040 Bruxelles
Bélgica
Fax: +32 2 514 5922

Refugiado internacional: www.refugeesinternational.org

Refugiados no mundo: www.worldrefugeee.com

Plataforma para a cooperação internacional
de migrantes sem documentos: www.picum.org

Petit Château: www.petitchateau.be

Algumas questões colocadas na Assembléia

1) Após ter refletido sobre este relatório, o que as interpela como desafios para a comunidade?

Diante de certos problemas, traçados aqui em grandes linhas, que poderia ser feito em sua Província em favor da população migrante:

— Antes de partir do país de origem?

— Enquanto país de acolhida destes migrantes (pedintes de asilo, sem documentos, refugiados, trabalhadores emigrados)?

3) Que propostas concretas gostaria de apresentar?

4) Que ações seriam de grande apoio para estas propostas em nível da Companhia que é internacional?

Irmã Marie-Thérèse Castelein da Bélgica,
Irmã Catherine Mulligan, Visitadora da Irlanda,
Irmã Alzbeta Volosinova da Eslováquia
Representantes da Comissão europeia de migrantes.

Ao longo dos dias

O sítio web das Filhas da Caridade

Irmã Alícia Muñoz
10 de junho de 2003
12 de junho de 2003

Quando me propuseram apresentar o sítio da Companhia na Assembléia Geral, minha primeira reação foi de me perguntar o que poderia dizer para as Irmãs da Assembléia. Tenho certeza de que elas o conhecem melhor do que eu. Depois olhei o marcador do sítio e percebi que as visitas ainda não chegavam a 22.000, portanto, há ainda muitas Irmãs que não o conhecem, coisa que não admiro, pois tudo no mundo passa tão rápido e estamos sempre tão ocupadas. Esta reflexão me convenceu.

O sítio? Um desejo da Igreja

Em diversas ocasiões o Santo Padre e o Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais fizeram alusão a este meio de comunicação:

A 1º de março de 2002, o Santo Padre em sua mensagem à Assembléia do Conselho Pontifício para as Comunicações sociais, cujo tema de estudo era: *"Os Meios de Comunicação e a Nova Evangelização: Atividades Atuais e Programas para o Futuro"*, retomava esta idéia e insistia sobre os apelos contínuos da Igreja para o uso dos meios de comunicação. Referindo-se à Internet dizia: *"O desafio que lhes é apresentado é encontrar os meios que garantam que a voz da Igreja não é marginalizada ou silenciada no campo dos modernos meios de comunicação... Jesus Cristo deve ser proclamado ao mundo e, por conseguinte, a Igreja deve entrar nesse **grande fórum** dos meios de comunicação com coragem e confiança"*.

O Papa fala também de dois outros documentos recentemente publicados pelo Conselho Pontifício: *"Ética em Internet"* e *"Igreja e Internet"* como prova de criatividade e de experiência profissional dos membros desse dicastério, e sublinha que: *"o trabalho da Igreja é utilizar os meios para que a verdade de Cristo exerça sua influência sobre o mundo novo com todas as suas promessas e questões"*, *"o que compreende a promoção de uma ética autenticamente humana e a solidariedade entre os povos"...* *"O Evangelho vive sempre em diálogo com a cultura... se a Igreja se afasta da cultura, o Evangelho desaparece"* e lança o desafio: *"Não temam entrar na cultura da comunicação e da revolução das informações que ocorrem atualmente. Para a Igreja, a aventura é apresentar ao mundo a verdade de Cristo com todas as suas promessas, buscas e questionamentos"*.

O Vaticano se pôs em linha em 1996 com seu sítio www.vatican.va que publicou milhares de documentos e de discursos do Papa. O portal tem três servidores com o nome dos três Arcanjos: Miguel, Gabriel e Rafael. O Papa

atuou no ciberespaço (espaço virtual) em 1998 quando um milhão de católicos puderam ouvi-lo e vê-lo recitar o Ângelus no domingo e escutar suas audiências semanais das 4^{as} feiras na página web do Vaticano.

Dom John P. Foley's, Presidente da Comissão Pontifícia para as Comunicações Sociais, ao se dirigir à Assembléia Geral das Nações Unidas, na sessão ocorrida nos dias 17 e 18 de junho de 2002, dedicada à **“Utilização das Tecnologias dos Meios de Informação para o Desenvolvimento”**, falou nestes termos: *“A Santa Sé se alegra ao ver que a Assembléia Geral das Nações Unidas organizou uma sessão para o estudo da Informação e da Tecnologia para o desenvolvimento. Evidentemente, a Santa Sé segue de bem perto as implicações humanas e morais deste desenvolvimento”*.

Importância da Internet como meio de comunicação

De acordo com um estudo do Instituto Pew, em dezembro de 2001, havia nos Estados Unidos, “uns 59 milhões de americanos que consultavam a Internet todos os dias” e 28 milhões utilizavam-na para obter informações de ordem espiritual e para relacionar-se com outras pessoas a caminho da fé. São os chamados “Internautas religiosos”. O relatório indica que as pessoas que obtiveram uma informação religiosa ou espiritual são mais numerosas do que aquelas que buscaram informações sobre leilões e negócios por telefone. Não se trata somente de uso feito pelos jovens, mas também por um grande número de adultos e de aposentados. Em estreita ligação com nosso carisma vemos que em “Redemptoris hominis”, refletindo sobre os meios de comunicação o Santo Padre disse: *“a questão essencial e fundamental neste progresso, é saber se o homem, enquanto homem, no contexto deste progresso, se torna verdadeiramente melhor, isto é, mais amadurecido espiritualmente, mais consciente da dignidade da sua humanidade, mais responsável, mais aberto para com os outros, em particular para com os mais necessitados e os mais fracos, e mais disponível para proporcionar e prestar ajuda a todos”*.

A Companhia

De 17 a 19 de janeiro de 2000, o Padre Maloney convocou pela primeira vez os responsáveis pelos diversos ramos da Família Vicentina a fim de animá-los a dar uma grande importância ao sítio da Família Vicentina, desejando que cada ramo desta família tenha o seu. A 25 de janeiro de 2000 o sítio da Família Vicentina foi inaugurado e na carta de boas-vindas nosso Superior Geral dizia: *“O objetivo principal deste sítio na Internet é o serviço dos Pobres. Por isso, ele tenta ser um instrumento de comunicação para trocar informações, partilhar o que se vive nos diversos continentes, fornecer material de formação, unir*

nossas forças em vista de realizar projetos comuns e fazer ouvir clara e rapidamente a voz dos pobres”.

A página foi criada como um meio dinâmico para permitir que todos os interessados ajam, escutando, informando, comentando, sugerindo, ajudando..." É preciso agradecer ao Padre John Freund, responsável pelo sítio da Família Vicentina, www.famvin.org, sempre disponível para nos ajudar, particularmente organizando esta reunião em Nova York em agosto de 2001, com a colaboração da Universidade São João, (pertencente aos Lazaristas), onde 50 membros de toda a Família Vicentina se reuniram para uma sessão de formação.

No início, foi-nos pedido enviar uma participação mensal a www.famvin.org portal da Família Vicenciana. A Companhia, desde setembro de 2000, envia artigos mensais em três línguas, para apresentar a Companhia e fazer ouvir a voz dos Pobres. A 27 de setembro de 2002, festa de Nosso Santo Fundador, lançou-se o Portal da Companhia em três línguas: inglês, espanhol e francês. Se vocês o conhecem, podem constatar que é muito simples. Está em funcionamento há alguns meses. Esperamos com a ajuda de Deus e de vocês, melhorá-lo ainda mais. Mère Elizondo, em sua mensagem de boas-vindas expressa muito bem o pensamento da Companhia sobre o sítio: *“Bem-vindos ao sítio Internacional da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Os meios de comunicação social nos dão a possibilidade de partilhar informações e de estabelecer relações a nível mundial, coisa impensável até o momento. Desejamos utilizar esta maravilhosa oportunidade que a Internet nos proporciona para favorecer a cultura do diálogo, da participação e da solidariedade em vista da finalidade da Companhia que é o serviço de Cristo nos Pobres. A Internet ajudar-nos-á em nossa tarefa de mostrar o rosto misericordioso e a ternura de Cristo pelos mais abandonados. Será também um bom instrumento para ser a voz dos sem voz no mundo. A caridade de Jesus Cristo nos impele!. Boa visita!”*

O sítio: www.filles-de-la-charite.org

A música de fundo em inglês, diz: *“Eis-me aqui, Senhor, envia-me”* é um canto do coral do Colégio Sagrado Coração de São Francisco dos Estados Unidos. Quando pedimos autorização para utilizá-la, o diretor respondeu: *“não só a autorizamos, mas nos sentimos honrados”*. Recentemente este coral veio cantar em nossa capela.

No portal de entrada, três bandeiras indicam os três idiomas em que se encontram os artigos. Clicando sobre uma delas, passamos à primeira página de cada idioma.

Em cada língua

Na primeira página de cada idioma está o resumo do conteúdo do sítio, com os esquemas, a fim de facilitar a quem olhar saber quem somos, o que fazemos e as razões de nossa ação.

Na margem esquerda:

- a) Na parte superior, nosso brasão com o selo “Companhia das Filhas da Caridade”
- b) A data de cada dia
- c) Uma inscrição relacionada com o conteúdo da página (a que mais se repete é: “Caritas Christi Urget nos”)
- d) Conexões dentro da mesma página quando há várias notícias.
- e) O contador das visitas do sítio: cerca de 16 000. Durante a Assembléia o número aumentou consideravelmente.
- f) Conexão com o sítio da Família Vicentina em cada língua
- g) Conexão com o sítio do Vaticano
- h) Correio: possibilitando aos visitantes, inclusive às Irmãs, escrever seus comentários, colaborações, etc...

O correio recebido provém das Irmãs, de membros da Família Vicentina e de outras pessoas que se sentem ligadas a nós ou desejam informações. Muitos apreciam nosso maravilhoso carisma, outros nos estimulam em nosso trabalho, por vezes enviam alguma correção dos textos. Agradecemos sinceramente por tudo isso.

Encontramos ainda no correio pedidos de ajuda econômica para uma necessidade particular ou um projeto concreto. Estes são comunicados à nossa Ecônoma Geral.

Outras pessoas, que tiveram um membro de sua Família como Filha da Caridade, querem informações a seu respeito. Prontamente, uma Irmã do Secretariado responde a estes pedidos. Alguns antigos alunos das Irmãs também desejam entrar em contato com elas.

Enfim, alguns jovens nos escrevem porque desejam trabalhar como voluntários no serviço dos Pobres.

Na página de boas-vindas

- a) Uma imagem representa o mundo com círios simbolizando à luz do Senhor e nossa vida de oração, nossos Fundadores, nossa divisa e uma Irmã em seu serviço.
- b) Títulos dos itens apresentados
- c) uma imagem evocando os inícios da Companhia em Paris e sua extensão através do mundo.
- d) A carta magna das Filhas da Caridade
- e) Uma breve apresentação de quem somos (com conexões para ampliar a informação).
- f) Novas notícias. Esta parte evolui de acordo com as informações.
- g) Os arquivos das publicações anteriores.

O quadro _apresentado comporta 5 colunas principais

Quem somos?	Missão	Família	Informações	Onde estamos
Carisma	Crianças	Familia Vicentina Alguns projetos e membros canonizados ou beatificados	Noticias	em nivel mundial
Espírito	Jovens	Catarina Labouré	Arquivos	África
Oração	Idosos	Elisabeth Seton	Angola	América Latina
Origens	Mulher	Justino de Jacobis	Balombo	América do Norte
Fundadores	Doentes	F. Régis Clet	Chade	Ásia
Renovação 2003 (<i>Superiores Gerais</i>)	Migrantes	J. Gabriel Perboyre	Fórum	Europa
	Deslocados	Federico Ozanam (conexão com as Conferências)	Conexões	Oceânia

Prisioneiros	J. A. Thouret	Assembléia	Rua do Bac
Missões		Entre nós	
Juntos contra a fome (Projeto comum da F.V.)		Parte privada	

No título “*Família Vicentina*” encontramos algumas informações sobre seus projetos, seus membros beatificados ou canonizados, bem como sua atualidade: na França: reconhecimento das virtudes e do milagre de Irmã Rosalie, notícias de sua beatificação; no Brasil, abertura da causa de Irmã Lindalva Justo de Oliveira.

No título “*informações*” encontramos conexão com outros sítios das Filhas da Caridade, da Igreja, como o sítio do Vaticano ou das dioceses e o da Família Vicentina em www.Famvin.org

No título “*onde estamos?*” descobrimos os endereços das Casas Provinciais, nome das Comunidades, das Irmãs.

Para que nosso sítio seja um reflexo fiel da Companhia, necessitamos da participação ativa de cada Visitadora e de sua Província.

Portanto, contamos com sua colaboração para nos enviar suas notícias: catástrofes e sua colaboração nestas ocasiões, experiências apostólicas, abertura de novos serviços, encontros provinciais e interprovinciais ou com a Família Vicentina, visitas dos Superiores Gerais.

Que os artigos sejam o mais possível acompanhados de boas fotografias que ilustrem os escritos (com autorização de abreviar os artigos, se necessário).

Em várias ocasiões recebemos cartas de Irmãs ou de outras pessoas agradecendo as notícias, sobretudo quando já conheciam os lugares. Assim uma Irmã Americana que havia vivido em Angola, ficou altamente emocionada ao ver os progressos da missão e as novas vocações. Uma outra, tendo estado em Ruanda durante a guerra, escreveu muito contente de viver mesmo à distância a inauguração da nova Casa Provincial. Um antigo voluntário que havia trabalhado em Belém, agradecia pela página de Natal, etc.

Se há um sítio em sua Província, não hesite em nos comunicar o endereço. Esforçar-nos-emos também para traduzir seus artigos em diversas línguas a fim de que um grande número possa participar de suas alegrias ou comungar com seus sofrimentos.

Aguardamos sua opinião e suas sugestões e muito obrigada por sua atenção.

Irmã Alícia Muñoz
Filha da Caridade

Ao longo dos dias

Apresentação do sítio web da Capela da Medalha Milagrosa

Equipe do sítio da Capela
12 de junho de 2003

A noite dedicada à apresentação do sítio da Capela permitiu-nos uma rápida pincelada da Pastoral em seu conjunto, evocando a organização dos diversos espaços a serviço dos peregrinos, cerca de 5000 por dia, de todas as condições e continentes.

A equipe pastoral da Capela

Mais de sessenta pessoas, a tempo parcial ou completo, estão a serviço da missão da Capela: leigos voluntários, padres Lazaristas e Filhas da Caridade de todas as idades. Qualquer que seja a responsabilidade de cada membro, o espírito missionário que os anima enraíza-se na dinâmica espiritual própria deste lugar marial vicentino. **Três atitudes evangélicas** caracterizam suas atividades:

- **acolhimento**: Maria dedicou tempo para sentar junto de Catarina,
- **colaboração**: Maria teve necessidade de Catarina,
- **fraternidade**: Maria convida todos os seus filhos, sem distinção: “Vinde ao pé deste altar”.

Aprofundamento evangélico da mensagem de 1830

Na Capela, a Virgem Maria faz-nos ouvir, como que, diretamente, os pontos fortes da vida cristã:

- **Construir uma Igreja fraterna**: ser irmã e irmão dos homens que estão no mundo, respeitar suas línguas, culturas, acolhê-los tais quais são, fazer de todas as nações um povo.
- **Desenvolver uma atenção àqueles que sofrem**: Este lugar de peregrinação é um lugar de encontro para os sedentos de esperança, onde se acolhe atentamente o outro diferente.
- **Viver uma experiência de Jesus Cristo**: Maria ali está para nos indicar como acolher o Cristo em nossa vida, como viver com Ele, partilhá-Lo com os outros.
- **Fazer a experiência de Igreja**: viver o sacramento da reconciliação, eucaristia, meditar o rosário, rezar o ofício das vésperas no meio de uma comunidade viva, com os irmãos e irmãs que não escolhemos, mas que nos foram dados, confiados.

Os encontros privilegiados de Maria com Santa Catarina nos abrem para uma vida nova. Contemplar Maria é deixar-se introduzir numa mesma experiência espiritual, expor-se à graça com a qual ela mesma foi plenificada. É com este dinamismo interior que a equipe tenta, no dia-a-dia, favorecer uma espiritualidade de comunhão a fim de contribuir, à sua maneira, para a construção do Mundo Novo que a Virgem Maria traz em suas mãos.

As atividades pastorais

As atividades diversas e variadas propostas pela equipe são meios colocados à disposição dos peregrinos, para que se possa fazer desta Capela um lugar de reabastecimento, de reconciliação, de formação, de evangelização para as mulheres e homens de nosso tempo.

— Encontros de informação-formação realizados com o auxílio de montagens audiovisuais, conferências, explicação orientada da capela... respondem à sede de conhecer dos peregrinos de hoje, numa sociedade onde o tempo livre se prolonga.

— Uma reflexão espiritual sobre um tema, numa sessão mensal de aproximadamente uma hora, de forma bem flexível: sem inscrição, entrada livre.

— Propostas especiais para os jovens: animação litúrgica, programa reflexão-formação, projetos de serviço... meios concretos que se inserem numa pastoral vocacional.

— Para as crianças, “a universidade de 4-6 anos” oferece uma vez por mês um despertar na fé.

— Uma carta mensal e os Folhetos da Capela para alimentar a reflexão e a oração dos peregrinos. As Irmãs idosas participam ativamente deste serviço, dobrando folhetos e colocando medalhas nos sacos plásticos.

— Uma peregrinação anual a Fain-les-Moutiers que une oração e convivência sobre os passos de Santa Catarina.

— O Tríduo da festa da Medalha Milagrosa, em novembro, e um outro com a Associação da Medalha Milagrosa, em maio ou em outubro, são momentos fortes para todos.

— No corredor da capela, diversos espaços permitem acolher os peregrinos em função de suas expectativas. Entre eles, um espaço vicentino motiva e sensibiliza os peregrinos para os diversos grupos da Família Vicentina.

— Um mostruário coloca à disposição de todos a mensagem sob a forma de cartões postais, livros, livretos de oração, etc...

— O correio bem diversificado, inclusive por e-mail, o telefone acolhem as intenções do mundo inteiro.

É importante sublinhar o engajamento dos Padres da Congregação da Missão a serviço da liturgia, da oração do terço e do sacramento da reconciliação, bem como da animação da pastoral. De dois em dois meses a equipe se reúne para uma tarde de trabalho e de oração: vésperas, jantar, seguido de partilha, informação e reflexão. Esta reunião ocorre em alternância na rua do Bac ou nos Lazaristas. Faz-se um relatório distribuído para todos os membros da equipe e os diversos grupos da Casa Mãe. Uma vez por ano, no início de setembro, a equipe passa dois dias em l'Haÿ-les-Roses para avaliar o ano anterior e planejar o ano seguinte, acolhendo novos projetos.

O povo gosta dos santuários que para eles se assemelham a trampolins para sua vida cotidiana. De uns anos para cá percebemos qualquer coisa de novo: a presença de muçulmanos. Alguns dentre eles caminham para o catecumenato. A Virgem desempenha um papel particular no diálogo inter-religioso.

O sitio Internet da Capela

Maria com o globo entre as mãos lembra-nos que a Capela é também um espaço para os “peregrinos virtuais” do mundo inteiro.

A Internet se tornou para nós um meio, entre outros, para desenvolver a Nova Evangelização. Desta maneira Maria entra na vida do povo. O sítio oficial da Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa traz um nome bem longo que não é um defeito, como se poderia pensar, mas uma vantagem: impossível confundir.

O portal de entrada apresenta um planisfério com medalhas que brilham como estrelas. A medalha, como um coração que bate, apresenta-nos os dois corações, o de Jesus e o de Maria, presentes no mundo e para o mundo. A partir daí, o Internauta pode abrir a porta de sete capítulos.

— Cinco entre eles são estáveis e constituem a base do sítio: a visita orientada da Capela em 15 etapas (basta clicar sobre os “diamantes ou estrelas”), o relato das Aparições e sua mensagem, a Medalha com as três qualidades: milagrosa, luminosa, dolorosa, a vida escondida de Catarina Labouré, a história da Família Vicentina: São Vicente e Santa Luísa até as Filhas da Caridade de hoje, sem esquecer os outros ramos da família.

— Os dois outros capítulos contêm os “títulos que variam”. Na agenda, além das informações sobre a vida da capela e as peregrinações, são propostos documentos para ler “a propósito de...” uma oração marial e de um “Rosário da Capela”.

Internet, fator de evolução.

A Capela não esperou a Internet para viver.

Há aproximadamente cem anos aqui se evangeliza o povo das peregrinações, cuja devoção foi objeto de um Diretório, em Roma, há poucos meses: “*Diretório sobre a piedade popular e a liturgia*”.

Há cem anos, acolhe-se aqui esta população móvel, diversificada, anônima das megalópoles modernas, cuja evangelização foi objeto de um congresso missionário europeu, em Viena, em maio último.

Há mais de cem anos, instalou-se na capela esta estátua tão desejada por Santa Catarina, a Virgem do Globo, que nos convida a engajar-nos na luta espiritual para levar para Deus, com amor, o mundo já salvo por seu Filho. A Virgem do Globo, não é para nosso século XXI, o símbolo do combate em favor da fé, da esperança e do amor?

E depois que a Internet chegou...

A Internet é um desafio ao tempo e ao espaço. O sítio, como uma janela aberta sobre a Capela, permite ver, ouvir e ler no mundo inteiro o que é oferecido aos fiéis e aos peregrinos da rua do Bac. Não há mais nem dia, nem noite, nem norte, nem sul, nem leste, nem oeste.

A Internet é tudo para todos. O sítio oferece acesso à informação e à formação aos homens, mulheres, jovens e crianças de todas as categorias, de todas as classes e de todos os países.

A Internet é iniciativa liberada: a produção “*cultural*” não é mais reservada aos especialistas, é aberta aos amadores, no verdadeiro sentido; àqueles que amam... O amor é inventivo...

A Internet é uma comunicação exigente, com cinco regras de ouro que são: clareza, rapidez, simplicidade, qualidade, internacionalidade, as mesmas da evangelização para hoje.

Para os cristãos, a Internet é um desafio ao engajamento. João Paulo II lembra-o em Madri, a 3 de maio de 2003, diante dos jovens “A evangelização não é um domínio reservado a alguns, é um dever de todos... Os leigos têm um papel importante a desempenhar”.

Para anunciar o Evangelho hoje, a armadura prevista por São Paulo é sempre útil: cinto, couraça, botas, capacete, escudo, espada,... mas ele esqueceu... o computador... Mesmo os grandes não pensam em tudo.

Nesta Capela, a Santíssima Virgem nos deu a Medalha. Hoje, a Capela franqueou a Internet à Medalha, para que a todo momento e no mundo inteiro cada pessoa em particular esteja no coração de Maria.

A Medalha, a Capela, Internet... e você!

Como conclusão, eis um pequeno poema:

Ela nasceu na Capela,
atravessou os mares,
tocou tantos corações.
Haverá instrumento melhor?

A Medalha viajou,
mas a Capela, jamais...
Com a Internet, ei-la então,
no mundo inteiro, a seu alcance!!

A Internet nos seduziu
e na noite ela já brilha.
Incrível! Este recurso
irá crescer com Maria!

Como novos Reis Magos,
levamos mensagem e imagem,
aos pés do Deus Salvador:
a preço de grande labor.

Continuar sob sua direção
a combater a serpente
e, em seu coração amante,
acolher o mundo carente.

Internautas bem-amados,
a Net é instantânea,
A Net quer comunicar
O sítio espera suas idéias..

Sempre evangelizar,
ensinar, pregar, rezar
a serviço da verdade
transmitida pela Imaculada.

O sítio pode enriquecer-se com suas sugestões e suas experiências dinâmicas. Não hesite em nos escrever.

Padre Planchot, c.m. *Reitor da Capela*,
Chantal Crepey, Sharon e Robert Defruyt
Irmãs Marie-Madeleine Decelle e Antoinette-Marie Hance

Patrimônio cultural da Companhia

Intervenção de Irmã Claire Herrmann
12 de junho de 2003

“...Como a Companhia, diz São Vicente, não era então o que é hoje, certamente não é ainda o que virá a ser, quando Deus a tiver conduzido aonde deseja...” Assim, graças ao bom senso de nossas primeiras Irmãs, somos ricas de um passado muito precioso.

Introdução

Antes de tudo, explicitemos o que se entende por “patrimônio” e “cultural”. O patrimônio é o bem que se recebe como herança dos antepassados. É também “herança comum” na Família Vicentina, “o patrimônio espiritual” e materializado: ensinamentos, formação, relações. O termo “cultural” comporta aquilo que é relativo à cultura do espírito, à civilização. A cultura constitui o ser profundo de todo um povo.

O patrimônio cultural é a forma mais sensível da identidade cultural. Constitui um valor insubstituível, quer se trate de suas formas materiais ou não materiais: arte, arquitetura, música, literatura, e devemos acrescentar o

patrimônio espiritual. A noção de cultura abrange, por uma parte, os modos de vida e, por outra, a educação, a ciência, a tecnologia.

O patrimônio cultural da Companhia é ao mesmo tempo: histórico, artístico, cultural e espiritual. Não se trata de fazer ostentação, mas de tomar consciência de todo o capital de santidade produzido pela vida cultural segundo São Vicente, na Companhia.

Exposição dos motivos

A 10 de abril de 1994, a Comissão Pontifícia dos Bens culturais da Igreja enviou uma carta circular às Reverendas Mães Gerais e aos Reverendos Padres Gerais relativa à preservação dos Bens culturais das Congregações religiosas. O Presidente escreveu assim:

“Considero indispensável, dirigir-me a cada família religiosa, para convocar cada uma a responder, como convém, ao apelo do Santo Padre, tomando consciência da importância e da necessidade do patrimônio histórico e artístico da Igreja, a fim de conservá-lo, valorizá-lo ou organizá-lo ainda para nosso tempo e para o futuro”.

Na Casa Mãe, este trabalho já foi feito. O específico deste patrimônio é realizado pelo cumprimento da missão, **desenvolvida** ao longo dos séculos e **materializada** nos lugares. Trata-se agora de localizar nos diversos lugares as riquezas do patrimônio nas Províncias.

O patrimônio vicentino, diversificado segundo os países, é sua grande riqueza. É evidente que a França, país dos Fundadores, conta com maior acervo, mas o carisma dos Fundadores é vivido também em outros lugares, em outros contextos altamente significativos, onde a fé se expressa sob formas artísticas, culturais e espirituais.

Os “bens culturais” compreendem os patrimônios: artístico da pintura (quadros, vitrais), da escultura (estátuas), da arquitetura (capelas ou casas de caráter específico do serviço dos pobres), da música (propriamente vicentina). Podemos acrescentar a isto os bens em forma de livros antigos de oração, documentos históricos...

Conclusão

Foi distribuído um questionário a fim de inventariar este patrimônio das Províncias dos cinco continentes. A Casa Mãe fará este inventário.

Irmã Claire Herrmann
Responsável pelos Arquivos da Casa Mãe

Foto

Mère Christiane Chiron
1909-2003
51ª Superiora Geral
da Companhia das Filhas da Caridade

*Mère Chiron,
um testemunho,
uma serva discreta*

No início da Eucaristia
Irmã Evelyne Franc
22 de agosto de 2003

É com emoção que uso da palavra diante de vocês nesta tarde. Deixo ao Padre Quintano, nosso Diretor Geral, o cuidado de evocar em sua homilia a vida de Mère Chiron, mas quero expressar publicamente meu pesar e o das Irmãs da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo do mundo inteiro, nesta hora da despedida de nossa Irmã Christiane Chiron, e também partilhar nossa alegria por sua vida de serviço.

É duro ver partir **um testemunho** e Mère Chiron era para nós um testemunho, o testemunho de uma época das grandes mudanças, das grandes audácias e dos grandes desafios que marcaram os três últimos quartos do século XX. Ela sabia falar com o humor e a sabedoria daqueles que têm tempo de reler a história, após tê-la vivido **apaixonadamente**. Hoje, entre nós, a presença de nossa antiga Superiora Geral, de várias responsáveis provinciais vindas da Espanha, da Grã-Bretanha, da Irlanda, da Itália e da França, bem como de muitos amigos de Mère Chiron é eloqüente e a este respeito, permitam-me agradecer de todo coração a todos aqueles e aquelas que se deslocaram para rezar conosco.

É duro ver partir **um testemunho**, mas é também o momento de agradecer ao Senhor por no-la haver dado. Mère Chiron foi até o fim uma Filha da Caridade, **uma serva discreta e digna que soube cumprir a vontade do Senhor durante toda a sua vida**. Por ela, Senhor, nós te damos graças!

Irmã Evelyne Franc
Superiora Geral

Celebração Eucarística *por Mère Christiane Chiron*

Homilia do Padre Fernando Quintano
Nas exéquias
Capela da Casa Mãe
22 de agosto de 2003

Permitam-me começar esta homilia com uma alusão às notícias a que os meios de comunicação nos habituaram, e às imagens que estes mesmos meios nos mostraram, por ocasião das mortes provocadas pelo grande calor que enfrentamos ultimamente. Esta alusão à atualidade não é para relacionar a morte de Mère Chiron com a dos milhares de mortos durante estes últimos dias, nem às possíveis deficiências relacionadas com os cuidados das pessoas doentes e idosas. Mère Chiron faleceu durante estes dias porque sua vida já vinha declinando há alguns meses. Mas ela foi cuidada com toda atenção pelas Irmãs de sua Comunidade.

Vivemos numa cultura que exalta e mostra a beleza e o cuidado do corpo humano da juventude. É o que nos mostram habitualmente as imagens da televisão. Talvez por isso, ficamos profundamente chocados com estas imagens de pessoas doentes e idosas em salas ou corredores dos hospitais. Quem sabe, por esta mesma razão as pessoas se sentem mal ao ver na televisão a figura idosa e doente de João Paulo II. Felizmente há multidões que estão em profunda união com o idoso enfraquecido, encurvado e doente, porque além de sua figura, vêem nele um bravo defensor da paz, do valor da vida, da justiça. Eles o percebem como um homem que proclama corajosamente a mensagem evangélica, enquanto lhe restam forças, disposto a morrer, não importa aonde, sempre continuando sua missão de pastor e de evangelizador. João Paulo II é a exaltação da velhice e da fraqueza animadas por uma coragem proveniente de suas convicções evangélicas e de sua responsabilidade diante da missão que lhe foi confiada à qual se propõe cumprir até o fim.

E por que tudo isso? Porque esta situação tem uma relação profunda com a vida e a morte de Mère Chiron, cujos restos mortais estão diante de nós nesta Celebração Eucarística. Uma longa vida esgotada, um corpo curvado, mas a serviço da nobre causa: a doação total a Deus como serva dos Pobres.

Nascida em Paris em 1909, entra na Companhia das Filhas da Caridade em março de 1933. Tinha 29 anos quando foi enviada como missionária ao

Equador, onde permaneceu durante 30 anos, dedicada à Formação, à Administração e ao Governo, como Visitadora desta Província. Em junho de 1968, foi eleita Mãe Geral das 45.000 Filhas da Caridade que formavam a Companhia naquele momento. Durante os seis anos deste serviço, ela abriu e desenvolveu missões nos Camarões, no Burundi e em Ruanda. No final do seu mandato como Superiora Geral, a seu pedido, é enviada como missionária ao Burundi, onde assume a responsabilidade da Região da África Central durante 5 anos. Em 1979, volta para a França e é colocada na Casa Mãe onde se doa totalmente, sobretudo para apoiar as missões da Companhia através da “Entreajuda Missionária”.

Entre os bons exemplos de Mãe Chiron, ressaltamos o seu zelo missionário, sua confiança na Providência Divina, que se ocupa dos mais pobres, sua humildade e simplicidade de saber passar dos cargos de grande responsabilidade aos serviços cotidianos que constituem a vida fraterna em comunidade de servas dos pobres.

Com esta breve biografia de Mãe Chiron, não fazemos senão seguir uma tradição na Companhia, iniciada por seu fundador, São Vicente de Paulo. Ele mesmo é quem motivava as primeiras Irmãs a fazer partilhas, durante as quais falariam dos exemplos de virtude que tivessem observado nas Irmãs falecidas.

Mas a Eucaristia que estamos celebrando não é somente para louvar os bons exemplos de Mãe Chiron. É também para proclamar e confirmar nossa Fé e nossa Esperança. Porque em nossa cultura horizontal, freqüentemente fechada ao transcendente, podemos igualmente experimentar dúvidas sobre o destino final, sobre o “além”. E é no meio desta cultura que nós, cristãos, somos chamados a dar testemunho da Ressurreição do Cristo e da nossa. Temos necessidade de re-escutar as palavras de Jesus, Caminho, Verdade e Vida. Estas palavras do Evangelho que acabamos de proclamar, falam-nos do grão de trigo jogado na terra de onde brota a nova vida; da árvore verde sobre a qual estamos enxertados, a fim de aproveitar da seiva vivificante; da recomendação recebida do Pai para que não se perca nenhum daqueles que lhe foram dados, para que Ele os ressuscite no último dia. Temos necessidade de re-escutar que Cristo é a Ressurreição e a Vida e que aquele que nele crê não morrerá, viverá para sempre na casa do Pai, onde há muitas moradas; que Cristo é o primeiro dos ressuscitados que nos precedeu a fim de nos preparar um lugar e que Ele está ao lado do Pai intercedendo por nós.

Sim, temos necessidade de ouvir estas palavras de Jesus, de crer nelas e testemunhá-las e para isso é preciso pedir que Ele aumente a nossa Fé nele e na última verdade de Fé da Igreja que confessamos no Credo: “*Creio na ressurreição da carne e na vida eterna*”.

Claro, esta Fé não nos livra da dor e da morte, próprias a todo mortal. O Cristo não veio para suprimi-las, mas para iluminá-las e plenificá-las com sua presença. Ele as iluminou com sua confiança posta à prova nos momentos desconcertantes de seu despojamento na cruz, por sua morte e sua ressurreição. Com sua ressurreição, ele rompeu o círculo de uma história fechada em si mesma para abri-la a horizontes inimagináveis: um novo céu e uma nova terra.

A vida de Mère Chiron e sua vocação de Filha da Caridade foram uma afirmação das palavras de Jesus: *“aquele que guarda sua vida perdê-la-á e aquele que a perde por causa de mim e do Evangelho, ganhá-la-á”*. Eis uma vida bem sucedida: a desta Filha da Caridade que se colocou incondicionalmente nas mãos de Deus para empregá-la a serviço dos Pobres. Uma Filha da Caridade que, como tantas outras e tantos cristãos, seguiu o caminho das bem-aventuranças: pobre de espírito, simples, humilde de coração, compassiva diante da dor dos pobres, dos marginalizados, amante da justiça e da paz. Foi este o caminho seguido por Cristo, o primeiro bem-aventurado.

A vida de Mère Chiron foi semelhante à de Cristo, uma aventura que terminou bem; ela foi uma Filha da Caridade muito feliz. Sua morte foi apenas uma passagem para a vida, porque ela amou seus irmãos, como proclamamos na primeira leitura.

De Mère Chiron, São Vicente poderia dizer o mesmo que escreveu a uma outra boa Filha da Caridade: *“Oh! Minha Irmã, como sereis consolada à hora da morte, por haverdes consumido a vossa vida pelo mesmo motivo pelo qual Jesus Cristo deu a sua! É pela caridade, é por Deus, é pelos Pobres.”*¹

Repouse em paz, Mère Chiron. Sem dúvida você já experimentou pessoalmente estar saciada deste desejo de Deus e de eternidade que envolve o mais profundo do coração humano e que Santo Agostinho expressava por estas palavras: *“Senhor, tu nos fizeste para ti e nosso coração só encontrará repouso em Ti”*. Mère Chiron, após uma longa caminhada, repousa no coração deste Pai de Amor infinito. Repouse em Deus.

Padre Quintano
Diretor Geral

¹ Documentos, p. 965, Carta de São Vicente à Irmã Ana Hardemont, 24 de novembro de 1658

Mère Chiron, uma alma missionária

Quando evocamos Mère Chiron, de repente sobressai este traço que caracterizou sua vocação: seu compromisso missionário. Fascinada por Cristo, Missionário do Pai, escolheu servi-lo como sua serva, deixando-se interpelar por suas atitudes e suas preocupações: “*Contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor. Disse então a seus discípulos: ‘A messe é grande, mas os operários são poucos. Rogai, portanto ao Senhor da messe que envie operários para a Sua messe’*”.¹

Durante o seu generalato (1969-1974), a Companhia foi beneficiada com sua experiência missionária:

- foi criado um **Centro de Tradução**. Este permite circular o espírito da Companhia em diversas línguas e facilitar as partilhas fraternas.
- foi aberto um **Centro Missionário** numa perspectiva de inculturação, para preparar as Irmãs antes do envio em missão.
- foi preparada uma **Sala de Lembranças** para mostrar a história da Companhia através dos séculos.
- **respostas audaciosas** aos apelos missionários, foram dadas, particularmente na África.

Suas iniciativas que permitem detectar os desafios da época, revelam-nos uma profunda vida interior, vivida na humildade e na confiança em Deus, um amor apaixonado pelos Pobres e pela Companhia, com grande abertura de espírito que já revelava a internacionalidade da Companhia.

A esse respeito, Irmã Françoise Volckaert contou-nos um fato, que entre tantos outros, bem ilustra a **audácia** missionária de Mère Chiron, quando em 1972, recebeu o seguinte apelo de um Bispo de Ruanda: “*seria possível*

¹ Mt 9, 36-38

implantar uma comunidade religiosa numa região muito pobre e muito isolada em nossa diocese: em Mukungu?”

Mukungu está situado no sudoeste de Ruanda, a 1940 metros de altitude. A população é muito densa nesta região, a mais carente de toda a diocese e mesmo de Ruanda. A maior parte do povo nasce e morre sem jamais ver uma enfermeira ou um médico. Os dispensários mais próximos estão a cinco horas de caminhada.

Em 1967, após sua visita pastoral, o Bispo da diocese tendo descoberto esta região tão populosa e tão isolada, decidiu fundar um Centro Católico que pudesse mais tarde tornar-se Paróquia. Confia esta responsabilidade a um catequista e a alguns cristãos. Três anos mais tarde, as múltiplas dificuldades encontradas para a implantação desta obra deixaram os cristãos desanimados.

Em 1970, o abade Mendiondo, padre basco francês da Diocese, encarrega-se do serviço desta região. Escreve ele: *“as distâncias são muito grandes, entretanto, é preciso garantir as visitas regulares para responder às necessidades espirituais dos cristãos. No plano material é preciso construir urgentemente um centro de saúde: dispensário, maternidade, etc...”*

Em 1972, com o abade Mendiondo, a população se uniu para construir este centro de saúde. Para preparar os alicerses, era preciso buscar pedras que se encontravam quase a uma hora de caminhada de lá. Mas era preciso encontrar também uma Comunidade religiosa que assumisse os cuidados e o acompanhamento dos catecúmenos, etc... O abade lançou um apelo a 11 Institutos religiosos para esta missão. Resultado: 6 respostas negativas, 4 sem resposta... e uma carta onde estava escrito: *“levamos em consideração o seu pedido e iremos ver o local”*.

Nesta época, uma chuva torrencial transformara o terreno num “lago de lama”. E neste momento, Mère Chiron, Superiora Geral, chega para visitar a futura missão. Para subir a colina, o Bispo e o catequista deviam ajudá-la a caminhar naquela profunda lama. Diante de tal desolação, qual seria sua resposta? O Bispo e o padre olharam com ansiedade para Mère Chiron. Ficaram sensibilizados com sua atitude de recolhimento e de oração. Após um longo tempo de silêncio disse: *“Aqui é que São Vicente queria suas filhas...”*

Muito obrigada, Mère Chiron, por sua coragem e sua audácia evangélicas que foram um trampolim para o elã missionário na África.

Como conclusão, releamos com prazer algumas destas frases tão simples e tão profundas de sua **Circular de 1º de janeiro de 1991**: “*A caridade de Jesus crucificado nos impele*”.

Minhas queridas Irmãs, mais do que nunca, fixemos nosso olhar sobre São Vicente e aprendamos dele como servir os Pobres hoje. Ele via longe, seu espírito permanecia aberto a todos os problemas de seu tempo, para os quais encontrava soluções adequadas. Homem irradiando bondade, alma iluminada, assim foi São Vicente. Alguém disse dele: “*Não foi a caridade quem o fez santo, mas sua santidade fê-lo verdadeiramente caridoso*”.

Em São Vicente, na verdade, não se trata de um simples sentimento de bondade e de generosidade, sentimento humano que pode animar o coração de qualquer homem, mas a Caridade do próprio Cristo penetrando todas as suas intenções, todas as ações de sua vida. Cristo o animava e nele e por ele, servia a Cristo em todos os homens. Vivia de Cristo para levá-lo aos outros. Amava os homens. Este amor era a fonte de sua ação, o traço essencial de sua alma. Amava-os tal como eram, com seus defeitos, seus vícios, suas misérias e os amava por causa disso.

Não desprezava ninguém. Sabia obter o melhor de todos aqueles que colaboravam com ele. Ninguém resistia a seus apelos em favor dos Pobres: as Senhoras da Corte, da alta sociedade parisiense, bem como as pobres meninas do campo, movidas por seu ardor apostólico, comprometiam-se com o serviço da Caridade... Somos convidadas a esta coragem do amor.

Esta coragem do amor você a teve, Mère Chiron, para conduzir toda a Companhia à renovação interior para a qual Mère Guillemin convidava a realizar certas “passagens” para re-encontrar o espírito das origens.